

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DAYVID GABRIEL BEZERRA FERNANDES

**ENTRE LUÍSA E JULIANA, OPRESSORA E OPRIMIDA:
ANÁLISE DAS PERSONAGENS EM CONFLITO NO ROMANCE *O PRIMO
BASÍLIO*, DE EÇA DE QUEIRÓS**

DELMIRO GOUVEIA – AL
2023

DAYVID GABRIEL BEZERRA FERNANDES

**ENTRE LUÍSA E JULIANA, OPRESSORA E OPRIMIDA:
ANÁLISE DAS PERSONAGENS EM CONFLITO NO ROMANCE *O PRIMO
BASÍLIO*, DE EÇA DE QUEIRÓS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL – Campus do Sertão), como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

F363e Fernandes, Dayvid Gabriel Bezerra

Entre Luísa e Juliana, opressora e oprimida: análise das personagens em conflito no romance O Primo Basílio, de Eça de Queiroz / Dayvid Gabriel Bezerra Fernandes. - 2023.
55 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2023.

1. Literatura portuguesa. 2. O Primo Basílio – Romance.
3. Personagens. 4. Luísa – Personagem. 5. Juliana - Personagem.
6. Eça de Queiroz. 7. Luta de classes. 8. Realismo.
I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 821.133-1


FOLHA DE APROVAÇÃO

DAYVID GABRIEL BEZERRA FERNANDES

**ENTRE LUÍSA E JULIANA, OPRESSORA E OPRIMIDA:
ANÁLISE DAS PERSONAGENS EM CONFLITO NO ROMANCE *O PRIMO
BASÍLIO*, DE EÇA DE QUEIRÓS**


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Letras, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL - Campus do Sertão), como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovado em 12/06/2023.


Documento assinado digitalmente
 MARCIO FERREIRA DA SILVA
Data: 13/06/2023 11:19:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 MARCOS ALEXANDRE DE MORAIS CUNHA
Data: 13/06/2023 08:44:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Marcos Alexandre de Moraes Cunha (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Documento assinado digitalmente
 PAULO JOSE SILVA VALENÇA
Data: 12/06/2023 11:59:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença (Examinador Interno)
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Ao Deus da minha fé, por me sustentar até aqui. À tia Cristina, amante da leitura, por abrir espaço naquele seu velho guarda-roupa, para que o eu menino pudesse desbravar uma diversidade de capas e cores, e enxergasse ali um portal para um novo mundo – o da literatura e dos textos literários.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai Onisciente e Fiel em suas promessas, que esteve sempre presente em cada detalhe, fazendo-me acreditar de que eu seria capaz de concluir este trajeto em minha vida;

À minha família, meu porto seguro, por acreditar de que eu conseguiria chegar até aqui, me apoiando e me impulsionando a prosseguir, compreendendo as minhas ausências e, por diversas vezes, a minha falta de paciência;

Em especial à dona Lucivânia, minha amada e doce mãe, mulher determinada, e acima de tudo, amiga íntima e verdadeira, a qual tomou meus sonhos como os seus, e em momentos de aflições, não soltou a minha mão.

À minha avó, dona Dolores, sábia mulher, que a todo momento me apresentava em suas orações e me confortava com as suas belas palavras motivacionais, encorajando-me a trilhar esta jornada.

Ao meu irmão, Pedro, pelo companheirismo e incentivo, sempre na preocupação de me ver bem, me apoiando na concretização deste sonho; às minhas tias, primas e colegas, pelo acolhimento em suas residências para os momentos de estudos;

A meu tio Luiz Alberto (*in memoriam*), que nos deixou recentemente de forma repentina, mas que em vida fez muito pela minha pessoa;

A meu amigo Paulo Vinícius, que viu de perto o meu labor, mostrando-se um grande apoiador e parceiro nesta jornada;

À Lucineide (Lucy), que desse jeitinho atencioso e comunicativo que só ela tem, me abraçou e me deu a sua mão, me acompanhando neste trajeto com muito companheirismo, olhando pacientemente para mim quando muitos me olhavam torto e depressa;

A todos os mestres e professores, da pré-escola ao ensino superior, especialmente à Bênia, minha primeira professora, responsável pelo início de tudo, que me ensinou tão bem a gostar de ler e escrever com afinco e atenção. A vocês, minha pura admiração e gratidão!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Márcio Ferreira, amante da literatura e um grande incentivador neste processo; que com a sua calma, paciência e profissionalismo, me norteou à melhor via, e me conduziu a um maravilhoso estudo;

Aos Prof. Dr. Marcos Alexandre e Prof. Dr. Paulo Valença, pelas ricas aulas de Literatura, nas quais me instigaram a buscar a obra realista como instrumento de pesquisa;

Por fim, agradecer à Universidade Federal de Alagoas – UFAL (*Campus do Sertão*), pela oportunidade de realizar este curso; ao acolhimento e atenção, desde a portaria, aos funcionários e bibliotecários, que por muitas vezes me recebiam com uma pilha de livros para empréstimos, ou me viam sair nos últimos segundos da biblioteca fechar. Às pessoas e colegas da cantina, onde eu pedia aquele pequeno café para dar disposição e concentração durante as atividades acadêmicas. Aos colegas de grupo, por estarem ao lado em cada período.

E para todo (a)s aquele (s), que direta ou indiretamente se fizeram presentes, cooperando para a conclusão da minha graduação, o meu muito obrigado!

“[...] Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção.”

Beth Brait

RESUMO

Esse trabalho de pesquisa tem como objeto o romance **O Primo Basílio**, de Eça de Queirós, cujo objetivo é compor, diante do capitalismo e pós-revolução industrial, a vida social das personagens Juliana e Luísa. Com esse propósito, a pesquisa se justifica na importância de estudar a literatura portuguesa, o romance realista e as protagonistas da obra, nas quais o recorte da temática volta-se especificamente às duas figuras, em um cenário urbano no final dos oitocentos. Dessa forma, os estudos demonstraram como a literatura alinha-se à história, porque foi necessário discutir a respeito da sociedade capitalista da época (MOISÉS, 2008), no intento de percorrer a trajetória do movimento artístico denominado *Realismo*, prosseguindo com a descrição sobre a crítica que foi predomínio da elite no século dezenove. Daí que, a caracterização das personagens, a discriminação e diferenças de classes durante a época oitocentista também distinguiram os estados de opressão nesta criação ficcional. Desde então, buscou-se evidenciar o duelo entre estas duas personagens, colocadas no romance em situações sociais bem diferentes: uma a patroa, outra a empregada. Para isso, a metodologia utilizada coletou informações sobre a formação da burguesia e do proletariado, cuja pesquisa é de cunho qualitativa e bibliográfica, fundamentada na investigação da obra de Eça de Queirós. Assim, como resultado da pesquisa, observou-se que tal produção se projeta nas questões das lutas de classe, e também no conflito gerado na segunda metade do século XIX sobre a consciência de classe (MARX, 2006). O romance segue, então, um caminho de crítica ao capitalismo, principalmente na formação da classe burguesa, constituída pelo universo de Luísa, em contrapartida, com a existência de Juliana, que, inicialmente, cumpre uma invisibilidade, até conseguir comprometer a patroa com as cartas de amor a Basílio, invertendo os espaços de poder na casa (ANDRADE, 2017). Dessa forma, pode-se concluir que a luta de classes é representada no romance como uma forma estética (AGUIAR E SILVA, 2009) capaz de colocar o romance do século XIX em confronto com o que virá em todo o século XX.

Palavras-chave: Romance. Personagens. Luta de classes. Eça de Queirós.

ABSTRACT

This research work has as its object of research the novel **O Primo Basílio**, by Eça de Queirós, whose objective is to compose, in the face of post-industrial revolution capitalism, the social life of the characters Juliana and Luísa. The research is justified by the importance of studying Portuguese literature, the realistic novel, and the characters, in which the theme focuses specifically on the characters Luísa and Juliana in an urban setting at the end of the 19th century. In this way, the studies demonstrated how literature aligns with history, because it was necessary to discuss the capitalist society of the time (MOISÉS, 2008), to follow the trajectory of the artistic movement called *Realism*, continuing with the description of the criticism that was the predominance of the elite in the 19th century. Hence, the characterization of the characters, discrimination and class differences during the 19th century also distinguished the states of oppression in the Ecan novel. We sought to highlight the duel between the two characters, placed, in the novel, in very different social situations: one the mistress, the other the maid. For this, the methodology used collected information about the formation of the bourgeoisie and the proletariat, whose research is qualitative and bibliographical, based on the investigation of the novel by Eça de Queirós. Thus, because of the research, it was observed that the novel is projected on the issues of class struggles, and on the conflict generated in the second half of the 19th century about class consciousness (MARX, 2006). The novel then follows a path of criticism of capitalism, mainly in the formation of the bourgeois class, constituted in the novel by the universe of Luísa, in contrast with the existence of Juliana, who, initially, fulfills an invisibility, until she manages to compromise her mistress with the love letters to Basílio, inverting the spaces of power in the house (ANDRADE, 2017). Thus, it can be concluded that the class struggle is represented in the novel as an aesthetic form (AGUIAR E SILVA, 2009) capable of putting the 19th century novel in confrontation with what will come throughout the 20th century.

Keywords: Novel. Characters. Class struggle. Eça de Queirós.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A CRÍTICA MARXISTA E O REALISMO	16
2.1. O romance realista português	16
2.2. A Crítica Marxista	24
3. BURGUESES E PROLETÁRIOS NO ROMANCE	30
3.1. Literatura e opressores	30
3.2. Literatura e oprimidos	36
4. ENTRE LUÍSA E JULIANA: PERSONAGENS REALISTAS	41
4.1. A forma construtiva de Luísa	41
4.2. A voz proletária em ascensão de Juliana	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Em um contexto no qual conferenciar sobre questões de gêneros, classes sociais e indivíduos em determinado espaço e época, tem se tornado de suma importância por ser um assunto/problema que veio a despertar os olhares e interesses da sociedade como um todo; é reconhecível que estes tópicos possuem total relevância para debates e entendimento acerca exclusivamente da participação feminina, suas ações naquele meio social e as precisões de cada ser humano em tal âmbito, chamando a atenção das mídias, das escolas e da esfera acadêmica para as devidas buscas e estudos.

É preciso destacar que durante os tempos mais históricos e remotos, a sociedade se dividia em diferentes posições sociais, em que cada qual cumpria um certo papel, imposto (a)s a assumirem determinadas ocupações e comportamentos, numa batalha antagônica em torno dos donos do poder e soberania (*opressores*), aos cidadãos plebes e desvalidos (*oprimidos*). Na contemporaneidade, isso foi se modificando, dando lugar agora a apenas dois níveis desiguais: a burguesia e o proletariado. A partir daí, haverá constantes lutas de classes por parte do grupo que vive de modo opressivo, na luta por direitos iguais, buscando não serem limitados a galgar grandes cargos, e garantindo os seus modos de subsistência. As argumentações acerca da temática auxiliam no sentido de representar e entender cada espaço, inclusive o feminino, contribuindo para reflexões sobre causas, efeitos e conquistas, levando à organização de transformações nos padrões, apoiando-se em valores que acresçam o apreço e a atuação social.

Perante esse contexto, visamos analisar recursos que possuem intervenção dentro deste cenário. É o caso do livro **O Primo Basílio**, de Eça de Queirós, que transcorre no ano 1878 da segunda metade do século dezenove, e que oferece ao leitor a compreensão do que o escritor português mostra em seu fazer literário, que é exibir uma realidade crua, o mundo como ele acontece e as coisas como são; sendo Eça de Queirós um dos maiores representantes do realismo português e da prosa realista, o qual apresenta em suas escritas, críticas acerca da sociedade de sua época e denúncias sociais, principalmente o fato dos comportamentos humanos e o que se deve ser corrigido.

Foi um livro até então polêmico, por apresentar em suas personagens a falsa moralidade e a quebra de regras, durante um período em que havia mudanças nos campos políticos e sociais, a censura sobre os desejos das mulheres e uma forte liderança masculina, exibindo aquele cotidiano, e trazendo nelas situações cada vez mais próximas da realidade

vivida pelo público, onde, segundo a teórica Brait (2006), estes seres de ficção povoam a tradição literária e nos aproximam a elas ao ponto de possuímos sensações de estas terem vivido numa grandeza, que as convertem em memoráveis e eternas, adequadas a falarem eternamente das inúmeras capacidades de existência do homem no mundo. Tais personagens apontam para uma escrita que expressa os mais íntimos movimentos da realidade, impondo e criando elas mesmas os seus próprios movimentos. Brait ainda afirma que as personagens são o espelho e reprodução da pessoa humana, e suas condições estão relacionadas ao contexto e a cultura do seu ambiente.

Observamos que ao gerar sua produção, Queirós quisera um bom espaço na literatura para se atentar aos gêneros, às esferas e ao casamento como instituição falida, sendo impulsionado a seguir a mesma linha de autores franceses que deram marcha para obras que trouxeram e revisitaram estes termos, para tratar do que ocorria em seus tempos (época de alto domínio da burguesia), mas apresentando uma realidade que ainda pode estar presente no nosso cotidiano. Ele ainda exhibe suas personagens do livro como vítimas da sociedade que vivia, pois estas se encontravam em um ambiente que não dava espaço às mulheres e menos ainda às que pertenciam às camadas mais baixas, as quais sofriam forte opressão pelo sistema capitalista, além do patriarcado ser dominante naquele século. Essa temática auxiliou na construção do objeto de pesquisa e na delimitação sobre o tema proposto.

Diante disso, a delimitação deste trabalho de pesquisa tem caráter exploratório, no qual se pretendeu levantar uma discussão especificamente a respeito do *conflito* entre a patroa e a empregada da trama, dando um panorama da conflagração das classes sociais lisboeta, desembocando em preconceitos e discriminações no período do Realismo Português para fazer um comparativo entre as personagens, além de observar e entender os aspectos relacionados às oposições entre as camadas sociais daquele período, pensando e discutindo acerca dos comportamentos que levam à cizânia entre essas classes lisboetas durante o século dezenove. É nesse cenário que o presente estudo buscou responder o seguinte questionamento: de que maneira o conflito entre as personagens Luísa e Juliana, patroa e empregada, forma a relação de trabalho opressor entre burguês e proletário no romance **O primo Basílio**, de Eça de Queirós?

Sendo assim, define-se como objetivo geral desta pesquisa reconhecer na relação conturbada social e trabalhista entre Luísa e Juliana o conflito de poder entre opressor e oprimido, tomado pela posição burguesa de Luísa e proletária de Juliana, embora esses papéis se invertam no enredo do romance. Tal objetivo entrará em pontos específicos como: a) comparar ambas as mulheres ficcionais de acordo com as diferentes estéticas expostas no

romance; b) Verificar como a criação das personagens reforça as ideias do autor em discutir as relações sociais marcadas pelas diferenças existentes no mundo capitalista; c) Exemplificar o porquê de esse conflito se instaurar; d) Refletir sobre a sociedade da época, costumes e formas socioculturais impostas pelo narrador e pelas personagens.

Partindo da questão que conduz este trabalho, é possível gerar as hipóteses que se adequarão para aprofundar o desenvolvimento desta análise. Assim, tomamos como enfoque examinar a protagonista da obra, Luísa, que forma o perfil da mulher aparentemente realista, consumida pelo casamento, e que tenta buscar a independência e a liberdade no amor, dado alguns fatores que a levou a buscar autonomia nas decisões. Já a segunda personagem, Juliana, até então secundária, sofria de problemas financeiros e de saúde, e suas condições eram vistas como miseráveis. Estava sempre à procura de algum segredo de sua chefe, para poder viver uma sonhada vida de luxos e de conquistas. Por serem mulheres em um âmbito onde não podiam ser escutadas, quem saísse da sua linha e do seu quadro, sofria com polêmicas e severas punições sociais.

Dessa forma, destaquei a representação da figura feminina no romance, como também pude ter contato com a obra literária (romance), especificamente da fase realista e portuguesa, que me proporcionou leituras e observações de relatos que fizeram transparecer como a mulher era vista e demonstrada, e que me instigaram a realizar esta pesquisa, proporcionando novos olhares, como identificar e analisar temas dentro das expressões literárias, que me fizeram adentrar no campo da literatura. No entanto, a temática para pensar a sociedade do século XIX, apresentando a obra objeto de nossa pesquisa, traz retratada a mulher constituída de perfil social, marcada pela divisão de classes. No tocante à obra, torna-se relevante trazer requisitos que levam a questionamentos, justamente por transcender para os dias atuais.

Diante dessas explicações, os aspectos metodológicos da pesquisa possuem uma abordagem de cunho qualitativo, à medida que procuram explicar o porquê e a necessidade do trabalho; e bibliográfica, quanto ao procedimento técnico, com intuito de obter embasamento para amparar essa pesquisa, sendo uma análise/reflexão sustentada e fundamentada na análise do romance. A respeito disso, e ancorando-se nas concepções de outros autores, busquei como aportes teóricos os estudos de Moisés (2008), Candido (2011), Aguiar e Silva (2009), Marx (2006), Lenin (2020).

Quanto à estrutura dos capítulos, de modo a obedecer às metas desta monografia, houve uma divisão da pesquisa em quatro seções, sendo esta introdução a primeira seção. Desse modo, cabe à segunda seção, a qual denomina-se **“A crítica Marxista e o Realismo”**, subdividido em *“O romance realista português”* e *“A crítica marxista”*, principiar esta

reflexão, apresentando uma discussão sobre o que é o romance realista, fazendo um rápido trajeto pelas perspectivas teóricas de Moisés (2008) e Aguiar e Silva (2009) sobre os quadros que motivaram a chegada e a origem do movimento literário de que este romance faz parte; além da importância deste gênero narrativo para os leitores de tal fase, procurando, em seguida, demonstrar o quão governante era a alta sociedade (burguesia), conduzindo ao pensamento crítico de Marx em cima desta classe dominante, e elucidando a compreensão do início das suas ações divisórias e excludentes; ações estas que propõem explicar o porquê do conflito se instaurar entre as personagens nas próximas etapas do trabalho.

Em continuação, a seção três, a qual intitula-se **“Burgueses e Proletários no Romance”**, subdividido em *“Literatura e opressores”*, e *“Literatura e oprimidos”*, destinou-se a um olhar sobre o livro **O Primo Basílio**, tendo como ponto de partida a teoria de Marx (2006) em seu escrito **Manifesto do Partido Comunista**, para definições de quem são os opressores e quem se classifica como os oprimidos. Aqui percorremos um caminho que facilita a compreensão de como surgiu na história estes termos, a função de cada membro durante o período de desenvolvimento das indústrias para que assim compreendamos a questão das personagens, caracterizando-as de acordo com cada posição de vida. Dessa maneira, esboço sobre as personagens do romance, para melhor exemplificar a luta de classes e o começo do embate entre as duas criaturas da narrativa, oferecendo uma perspectiva sobre acontecimentos e fatos narrados, sobretudo ao ver figuras dentro do ambiente no qual pertenciam, e de como suas imagens eram construídas pelo do autor, contribuindo com os seus olhares acerca da época.

Na quarta e última seção, denominada de **“Entre Luísa e Juliana: Personagens realistas”**, e subdividida em: *“A forma construtiva de Luísa”* e *“A voz proletária em ascensão de Juliana”*, defino os perfis de cada uma, ilustrando como foram construídas e como o autor deixa registrado os conflitos. Todavia, elas tentarão se libertar das amarras e sair da linha. Ambas são personagens realistas, e o intuito nesta parte foi dar conta do conflito existente. Com esse fim, verificamos como o autor vai matá-las, e de como uma das personagens (mulher, feia, pobre) não consegue ascender em meio ao sistema capitalista presente. Sendo assim, busca-se promover questões frente aos progressos e conquistas da mulher, como também conduzir os profissionais de áreas afins a uma breve reflexão sobre as mudanças e/ou continuidade de questões sociais.

2. A CRÍTICA MARXISTA E O REALISMO

2.1. O romance realista português

Para que se entenda as principais características do romance realista em Portugal, torna-se necessária uma breve compreensão do contexto histórico em espaço e tempo, como também examinar aspectos e sua relevância para aquele determinado período, principalmente no que diz respeito às mudanças sociais e seus impactos na literatura, pois seria incompreensível comentar sobre esta corrente, sem antes não sabermos o que estava acontecendo naquele continente, até chegar ao Realismo que filia o romance que será aqui analisado. Visando essa percepção dos quadros que instituíram organizações, costumes e principais tendências, e considerando a literatura como reflexo de um século passado, é essencial nos fundamentarmos em Moisés (2008) para entendermos como os acontecimentos históricos têm relação com o momento literário e o quanto são importantes para a interpretação do estilo de época, e dos textos.

Com esse fim, utilizamos como instrumento o livro *A Literatura Portuguesa*, especificamente o *capítulo VIII*, no qual o autor caminha junto ao leitor percorrendo e descrevendo aquele cenário oitocentista, expondo os fatos ocorridos em um país que acompanhou as “[...] mutações histórico-literárias operadas no resto da Europa, sobretudo na França. Delas deriva a ideia da existência de uma série de lapsos históricos, caracterizados pelo predomínio de certo estilo de vida e de cultura” (MOISÉS, 2008, p. 19).

No entanto, conforme este trecho do teórico, houve uma variedade de fatores que atuaram e exerceram influências na caracterização e perfil daquela área. Segundo o pesquisador Silvestre (2009, p. 65), “manifesta-se durante a segunda metade do século XIX várias transformações sociais, culturais e científicas pelas quais o continente europeu apresentava, experimentando intensas mudanças devido uma grande agitação política, social e econômica que circulava por ali”. Nisso, uma nova classe aparecia, a sociedade burguesa, industrial e mecânica começava a ser inserida, sendo posto por este autor como um centenário repleto de “[...] transformações prodigiosas nos modos de sociabilização inter-pares ou interclasses. Adquiriram-se novos hábitos e surgiram novos comportamentos civilizacionais, nos quais imperava uma mentalidade burguesa, a classe que durante este século conheceu o seu momento áureo”, e que esteve em prestígio ao longo daquela centúria, para, mais adiante, ser totalmente desmascarada pela sua postura, luxos e privilégios.

Logo, desenrolava-se neste mesmo espaço a segunda fase da Revolução Industrial, provocando uma grande mudança nos meios de produção e nas relações entre os patrões e os trabalhadores, estando em ebulição todos os pontos relacionados a estes avanços e mecanizações. A essa altura, surgem as máquinas e os telefones; o vapor se transforma em eletricidade e as grandes indústrias se desenvolvem, trazendo para si um vasto número de funcionários que servirão a tais fábricas. Percebe-se que é no decorrer desta transformação que a nossa sociedade atual começa a ser formada, devido aos elementos tecnológicos que existem hoje em nossa vida. Desse modo, a Revolução Industrial disporá de um caráter mais econômico, o qual auxiliará no pensamento do homem daquele momento, seguida da *Revolução Francesa*, em que estabelecia a burguesia como a classe controladora dos meios trabalhistas e a que detinha o poder de governança, antes ocupada pela *monarquia*. Portanto, a primeira revolução aqui citada (francesa) veio consolidar a classe até então dominante, enquanto a outra constituía o proletariado, formando desde já a luta entre a alta sociedade e os de menor poder aquisitivo, luta esta que discutiremos mais adiante.

Em outras palavras, a Igreja e a nobreza feudal acabam deixando de cumprir seus papéis na atividade política, e a classe média passa a abranger toda a cena, numa sociedade dita capitalista. Tal mediocracia toma posse de todo o corpo social, exercendo domínio sobre a classe mais baixa, onde o capitalismo vai progredindo cada vez mais forte, dada a influência desta camada e o pós-revolução. Mais adiante, isto ocasionará em uma divisão entre a classe em ascendência e o operariado, sobrevivendo a percepção do *proletariado*, que se esforçará para manter uma organização social. É a partir destas circunstâncias que permitirá com que Karl Marx analise a condição trabalhadora e busque resultados para os problemas identificados.

Importante ainda frisar que essas revoluções constituem a extensa transformação cultural. Assistia-se a uma progressão das ciências juntamente com as novidades tecnológicas, e uma das características deste período era a valorização do *cientificismo*. Dessa forma, teremos a presença de quatro cientistas da época e publicações de acordo com seus pensamentos. Nomes como Augusto Comte e o *Positivismo*; Proudhon e Darwin foram essenciais nesse processo.

Assim, Comte e sua doutrina do Positivismo defendia a importância da ciência para a vida social humana, abandonando a Teologia e a Metafísica, pois para ele a realidade já é objetiva, concreta e lógica, sujeito a análise experimental, tendo por pretensão saber o “como” das coisas, ao contrário do “por que”; e que tudo devia ser explicado apenas pela razão. Levado por esta mesma ideia, temos Proudhon e suas bases socialistas, que possuem como ponto em comum a busca pela igualdade. Já Darwin publica *A Origem das Espécies* deixando

de lado os aspectos espirituais e místicos, em que os valores românticos atribuíam aos indivíduos, levando em consideração o fato de estes pertencerem a uma grande cadeia alimentar, igualando a outros seres vivos. Por último, vemos Hipólito Taine, que, com a sua teoria determinista, agiu com maior influência nas artes durante este segundo quartel dos oitocentos, demonstrando quaisquer episódios sociais pela sujeição e comportamento humano determinado pelo meio, raça e momento histórico. O sujeito seria então detentor do espaço em que habita. À vista disso, Moisés (2008, p. 228) argumenta que “todo esse quadro cultural, aqui apenas esboçado, serviu de esteio para as doutrinas realistas e naturalistas e, portanto, para as obras escritas com o intuito de experimentá-las e realizá-las em arte”.

Essas metamorfoses chegam também ao povo português, que até então sofriam certa decadência, dado o impacto econômico ocorrido logo após a perda da sua maior colônia, o Brasil. A quantidade de jovens de uma elite burguesa cursava universidade país afora (boa parte em Paris, por possuírem boas condições financeiras). Eles tiveram contato com variados movimentos que estavam em ocorrência na França, sejam eles o Realismo, o início do Parnasianismo naquele meio e o Simbolismo que andava dando sinais de sua presença. Ao retornarem a Portugal, completos de ensinamento e conhecimentos adquiridos, observaram que o país se mantinha em atraso, exatamente da mesma forma enquanto estavam longe.

A partir daí, movidos à revolução, decidem se unir para mudar essa posição, norteando-o à renovação ideológica e artística. Silvestre (2009, p. 19) salienta que eles buscavam: “(...) recolocar a objectividade na literatura, contra o subjectivismo emocional romântico, através de uma ligação crítica, mas construtiva da sociedade, recorrendo à dureza de uma escrita poética, assente no rigor reflexivo e numa planificação composicional.”

Posto isto, o Realismo como movimento fez a sua aparição na França, manifestando-se a partir de 1850 com duas telas realistas de Gustave Courbet: *Enterro em Ornans* e *As Banhistas*, pois achara necessário pôr em prática e reproduzir em arte (sejam obras de ficção ou pinturas) tudo quanto falasse com o meio social no qual estavam inseridos, além do que fosse real e verdadeiro. Através do seu empenho realista, alguns outros escritores reforçaram esta ideia e se utilizaram desta mesma concepção do “fazer arte”. Passados dois anos, Gustave Flaubert publica o seu romance *Madame Bovary*, sendo um marco no surgimento desta escola, possuindo desde já atitudes antirromânticas e criticando ferozmente o fingimento romanescos e burguês, induzindo outros mais a escreverem sobre esta questão. Segundo Jacchetti (2016):

Os realistas literários queriam lidar com personagens comuns da vida real ao invés de heróis românticos em ambientes incomuns. Também procuraram evitar linguagem florida e sentimental por meio de observação cuidadosa e descrição precisa, que os levaram a rejeitar a poesia em favor da prosa e do romance [...] a publicação do romance *Madame Bovary* de Gustave Flaubert já repudiava os excessos de imaginação e sentimentalismo a que havia chegado à literatura romântica, que apresentava um cenário completamente ilusório, falso, desligando o homem de seu mundo real, ou seja, deixando-o à margem da sua verdadeira realidade. (JACCHETTI, 2016, p. 29)

Em meados de 1860, agora em solo português, manifestavam-se modificações que iam surgindo e transformando o intelecto português. Assim, o *Romantismo* passava a sofrer ataques vindo desta nova geração recém-chegada que tinha Coimbra como lugar de proteção e abrigo, influenciados pelos pensamentos dos filósofos franceses e positivistas, instigados pelas correntes e leituras que liam. Mais adiante, Antero de Quental, também aluno daquela academia, funda a *Sociedade do Raio*, liderando e agregando, pois, centenas de estudantes entre instauradores e aventureiros naquele âmbito. Reuniam-se então em locais públicos para tratar das questões sociais, com o propósito de atingir o atraso da época, tentando encaminhá-lo para o seu desenvolvimento e para a modernidade.

Entusiasmados com as novas idealizações, realizam publicações de versos, entre eles o Teófilo Braga com a *Visão dos Tempos e Tempestades Sonoras*; e o próprio Antero, que escreve e edita as *Odes Modernas*, um conjunto de poemas que para Antônio Feliciano de Castilho (escritor romântico) parecem mal produzidos, chegando a ser considerados inadequados por se afastarem da doutrina romântica. Daí, forma-se uma intensa disputa pelo meio dos dois partidos, “pró-Castilho” e “pró-Antero”, em torno do confronto literário dos ultrarromânticos aos moços de Coimbra, iniciada após a publicação do livro *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas. Porém, total sentimentalismo uma hora ou outra será exaustivo para estes rapazes, que, conforme já citado, consideravam tal modo defendido por Castilho e de fazer literatura, muito ultrapassados e rústicos. Isso vai causar uma controvérsia denominada de *Questão Coimbrã*, que explicava a queda cultural no país, originando o Realismo pelas bandas portuguesas.

Durante a primavera de setenta e um, ocorre em Lisboa as *Conferências do Cassino Lisbonense*, um encontro público organizado pelos jovens escritores participantes do grupo do *Cenáculo* em uma sala alugada do cassino, no largo da Abegoaria, pretendendo “(...) colocar em discussão franca os problemas e as questões de ordem ideológica que então interessavam à gente culta da Europa e da América do Norte” (MOISÉS, 2008, p. 222). Entre eles estavam Eça de Queirós, Antero de Quental, Salomão Sáragga, J. P. Oliveira Martins, dentre outros,

dirigindo-se a essa associação alguns participantes ainda novos no movimento. Assim, abrem um ciclo de palestras no propósito de ligar Portugal ao compasso dos outros países da Europa oitocentista. Entre um mês e outro, em curtos intervalos de tempo, houve ao todo, cinco séries de debates abertas por Antero, sendo ele responsável por duas delas (de 22 e 27 de maio de 1871); uma de Augusto Soromenho no início de junho do mesmo ano, e, no dia seguinte, Eça de Queirós, no intuito de adequar a literatura portuguesa a determinismos rígidos, pois a esta lhe faltava originalidade/inação.

Adolfo Coelho e Salomão Sáragga ficaram responsáveis pelas outras duas, mas a última não se realizou devido às ofensas cometidas às leis monárquicas que os poderes públicos devem respeitar. Mas isso não foi motivo de pará-los com os seus protestos, pois, como afirma o literato Moisés (2008, p. 225):

[...] o espírito revolucionário que as animava, esse não morreu; aliás, ganhou força de coisa proibida e atraiu uma legião de adeptos, a tal ponto que o ano de 1871 assinala a vitória decisiva das ideias realistas em Portugal, pouco depois consolidada com a publicação, em 1875, de *O Crime de Padre Amaro*, de Eça de Queirós.

Com isso, observa-se o surgimento de obras em relação aos pontos estéticos levantados pela nova tendência. Para Moisés (2008), os conjuntos de publicações e obras foram vistos como instrumentos de ação e arma para combater os problemas humanos.

Diante do exposto, esse terreno em efervescência não experienciou apenas mudanças econômicas, sociais e políticas, mas também no campo das produções e manifestações artísticas, conforme aqui mencionado. No que diz respeito à literatura, as chamadas escolas literárias demonstraram bem este determinado lapso, representando o conjunto estilístico de criações que iam de acordo com estas características. A partir de então, o romance alavancava como uma das mais importantes formas literárias, o que levou Aguiar e Silva (2009) a mencionar como um gênero moderno que expandia constantemente a sua tônica, tornando-se, no passar dos séculos e especificamente no século XIX, no mais relevante e variado modo de expressão dos últimos tempos.

Se o século XVII constitui a época áurea da moderna tragédia, o século XIX constitui inegavelmente o período mais esplendoroso da história do romance. Depois das fecundas experiências dos românticos, sucederam-se, durante toda a segunda metade do século XIX, as criações dos grandes mestres do romance europeu. Forma de arte já sazoadada, dispondo de uma vasta audiência e desfrutando de um prestígio crescente, o romance domina a cena literária (...) com os realistas e naturalistas, em geral, a obra romanesca aspira à exactidão da monografia, de estudo científico dos temperamentos e meios sociais. Em vez dos heróis altivos e dominadores, relevantes quer no

bem, quer no mal, tanto na alegria como na dor, característicos das narrativas românticas, aparecem nos romances realistas as personagens e os acontecimentos triviais e anódinos extraídos da baça e chata rotina da vida. (AGUIAR E SILVA, 2009, p. 683).

Em geral, o romance nada mais é que uma espécie considerada uma das mais ricas composições dentre as modernas literaturas europeias. As obras desta fase passam a olhar de um jeito mais analítico a burguesia daquele tempo. Toda essa evolução de lá para cá forma o que Menezes (2010) salienta acerca do romance como gênero literário, pois o mesmo se destaca principalmente na fase romântica (século XVIII) e chega ao seu ápice no período seguinte, após uma aceitação maior daquela população e por conter mais leitores destas publicações, que eram exigentes quanto às obras que liam, propondo mais verossimilhança, e menos invenções fantasiosas. A passagem de fase desse gênero como prosa de ficção durante o Romantismo para o seu protagonismo nesta nova escola literária mostra que tal estética não bastava também para os artistas realistas, pois para eles não era satisfatório apresentar o homem e seus sentimentos, de forma idealizadora e sonhadora, como faziam os românticos. A sede destes escritores seria pelo positivo e concreto, pois a preferência se torna pelos fatos e em mostrar sua completude. O texto será marcado pela impessoalidade, com períodos mais curtos.

No intuito de banir de forma visível o gênero antepassado, os realistas agiram de forma hostil, assumindo uma posição crítica contra tudo o que vinha anteriormente e que fosse antiquado, buscando dizer que a sua base (*Burguesia, Monarquia e Clero*) se mostrava terminantemente enfraquecida e abalada, uma vez que a chegada científica e filosófica vinha com um grande impacto, sendo impossível ser combatidos, superados ou ultrapassados por esta escola antecessora. Em vista disso, os romances desse novo período vêm a funcionar como espelho, trazendo uma visão mais objetiva, indo a fundo em temas como a convivência diária, a fidelidade, denúncias sociais, o casamento enquanto instituição; apresentando personagens com comportamentos voltados não apenas para si, mas para o seu externo, o não eu.

O romance Realista investiga intimidades e motivações dos personagens, em paralelo com sua conduta, muitas vezes revelando o descompasso entre aparência e essência. [...] a análise psicológica, as condutas, as motivações e a vida psíquica, em suas relações com o movimento histórico, o meio ambiente, e com os instintos primários do homem. (ZENI E FURLAN, 2012, p. 217)

Este gênero, muito criticado pela igreja e pelos mais cultos como “imoral” devido às suas temáticas polêmicas para a época, gradualmente foi ganhando uma crescente expansão,

dando lugar agora a uma prática da razão e a consciência da realidade, sem enfeites, onde os autores, influenciados pelas teorias filosóficas e científicas daquele quartel, apresentavam temáticas que estariam descortinando hábitos e costumes, expondo o cotidiano e a hipocrisia da sociedade retratada nas personagens.

Conforme Jacchetti (2016), assim como nos romances, somos determinados a viver consoante as características da nossa sociedade, classificados conforme o que nos rodeia; a partir dos nossos hábitos e tradições, transferindo ao próximo não apenas o que as nossas palavras emitem, mas o que nos influi, que é o espaço em que estamos inseridos. Isso é o que acontece com a realidade vivida pelos indivíduos em uma narrativa.

Dessarte, no que se refere a este tipo de romance e a literatura produzida no final deste século, temos a importância da figura do *Eça de Queirós* como o principal introdutor do movimento em seu país de origem e um dos mais importantes representantes dessa era, levando-o até o fim de sua vida. Por meio de suas obras, é possível notar uma linguagem e estilo próprio que busca suscetibilizar a burguesia citadina e lisboeta, na qual pregava os bons costumes e valores; e assim verificar uma originalidade presente em sua escrita, portando adjetivações e forte ironia à postura moral, ao mau social e ao conservadorismo. Ainda segundo Moisés (2008, p. 265):

Eça coloca-se sob a bandeira da República e da Revolução, e passa a escrever, em coerência com as ideias aceitas, obras de combate (...) Tais romances compromissam-se com o ideário da geração de 70, e valem como flagrante, embora reformado, retrato da sociedade portuguesa sua contemporânea, erguido em linguagem original, plástica, já impregnada daquelas qualidades características do seu estilo: naturalidade, fluência, vigor narrativo, precisão, oralidade, repúdio às soluções retóricas exageradas. Junte-se-lhes o pendor inato para certo lirismo melancólico e para a sátira e a ironia, utilizadas estas com sutileza e graça, facilmente transformadas em riso, que brota do ridículo daquelas criaturas escolhidas pelo escritor como exemplos típicos duma sociedade hipócrita, destituída de princípios morais, em caminho com a deliquescência.

Em sua biografia, José Maria Eça de Queirós, nascido na cidade portuguesa de Póvoa do Varzim, no dia 25 de novembro de 1845, foi aluno da Universidade de Coimbra, ingressando no curso de Direito, conhecendo neste mesmo momento o Antero de Quental e Teófilo Braga, principiando os seus escritos literários. Finalizado os estudos, parte para a capital portuguesa para viver do Jornalismo, atuando também na advocacia, curso o qual proporcionou a sua formação acadêmica. Foi diretor do jornal independente *Distrito de Évora*, que não durou por muito tempo. Mais tarde, fez parte das Conferências do Cassino Lisbonense, trabalhando em Leiria no conselho administrativo, iniciando também a sua

carreira diplomática. Vale lembrar que o Queirós também estava ligado à fase romântica, mas aos poucos vai se afastando dessa perspectiva, mergulhando de cabeça na perspectiva realista. (MOISÉS, 2008).

A crítica social é uma das ferramentas mais presentes em grande parte das suas narrativas, nas quais dá ênfase ao comportamento da camada social mais alta de Lisboa, e a corrupção da igreja em sua primeira obra *O crime do Padre Amaro*, publicado em 1875 e que faz parte da segunda fase de seus escritos, colocando-o como precursor do Realismo. O trajeto de sua vida também foi de total relevância para as suas construções. Organizada em três fases, as escritas ecianas cada qual vem representar “Eças” desiguais quanto às crenças e aos valores. O escritor português adquire influências do romantismo na sua primeira fase, até então indecisa e experimental, em um estágio ainda novo e primário para a sua carreira, a qual ele considera menos importante e não literários, dados os folhetos e artigos publicados entre 1866 e 1867, no tempo em que era jornalista.

A segunda e mais conhecida vem carregada de realismo e naturalismo, enxergando a classe média como incapaz de ser bondosa, ética e correta. Dessa maneira, se estenderá até meados de 1888, a partir da publicação de *Os Maias*. E a sua terceira e última fase, terá um autor bem mais maduro, que passa a ter consciência de que sua postura rude foi desnecessária com aquela classe dominadora, acreditando que esta tem sim “salvação”. Com a publicação de *A Cidade e as Serras* em 1901, ele segue sem mais o esteticismo de antes e a antiga sátira, ficando mais próximo da ficção moderna.

Em seu romance *O Primo Basílio*, principal objeto de nossa análise, o qual foi publicado no ano de 1878, Queirós (2018) foca na cidade lisboeta, deflagrando a podridão de um lar aparentemente perfeito e criticando o casamento enquanto instituição falida, tentando deixar claro que, como diz o ditado popular, nem tudo é o que parece ser dada a falta de moral e respeito que assolava a sociedade lisboeta oitocentista nos últimos anos daquele século. O livro trata de um triângulo amoroso, comum nas escrituras realistas, entre um casal e uma terceira pessoa, na capital portuguesa, tendo como conflito uma quarta personagem.

O personagem Jorge, o marido, é representado como uma figura de um homem sério e tradicional, representando o homem da sociedade burguesa do momento. No papel de esposa está Luísa, a adúltera, uma mulher ociosa, fútil, ingênua e sonhadora, cujo passatempo era ler romances do Romantismo, imaginando que um dia poderia viver essas mesmas experiências e aventuras da ficção. É um casal acima de qualquer suspeita. O marido acaba viajando a trabalho, deixando sua esposa solitária e entediada, apenas na companhia de duas serviçais e dos seus livros, até que de repente surge um “Don Juan” vindo do exterior e

chegando em Portugal à procura de Luísa. Era o seu primo Basílio de Brito, que por ter tido um relacionamento com ela na adolescência, passa a visitá-la com certa frequência, despertando a curiosidade da vizinhança e de uma das empregadas da casa. Logo, Luísa começa a cair em tentação após as seduções de Basílio, que passa a enviá-la cartas sigilosas e picantes, a fim de um encontro em local secreto, ocorrendo aí o temido adultério.

Contudo, compreendemos que Eça de Queirós expressa uma preocupação em relação ao casamento (que dizia ser estrutura básica burguesa), na qual deixa-se atingir pelo efeito do adultério. Ele reflete sobre as mulheres burguesas deste período e sua educação moral, que desde seus primórdios devem ser dispostas somente ao lar e a um bom casório, donas de uma forte fragilidade e ingenuidade, sem possuírem ocupações domésticas (estas ficando apenas para as criadas). Além de manifestar a realidade social, a obra queirosiana demonstra a luta de classes entre patroa (Luísa) e empregada (Juliana), servente esta que faz jus ao enorme grupo de serviçais que, quase todos anônimos, expressam a suas diversas condições e busca por organizações e melhorias de vida. Diante disso, o próximo subtópico discutirá sobre as considerações de Marx e sua principal crítica sobre as relações de classes existentes.

2.2. A Crítica Marxista

Segundo afirma Lara (2013), a palavra *burguesia* vem do francês e significa classe média. O termo é usado hoje em dois significados diferentes. Por um lado, tem sido usado para descrever a burguesia rica; por outro, o filósofo e teórico social Karl Marx descreveu depreciativamente os empresários como membros deste grupo de pessoas que, em sua opinião, viviam às custas dos trabalhadores, explorando-os.

Para Tonet (2016), estes empresários possuíam os meios de produção, ou seja, os meios necessários para produzir bens, como dinheiro, máquinas ou fábricas. Desse modo, Marx realiza uma dura crítica à sociedade burguesa, pois, segundo ele, o corpo social era dividido, a propriedade era distribuída de forma desigual e algumas pessoas tinham muito mais poder do que outras. Assim, a burguesia como parte controladora e "capitalista", dominava a classe trabalhista, a que Marx denominou de "*proletariado*". Enquanto os ricos empresários obtinham lucros cada vez maiores, incontáveis trabalhadores viviam na pobreza e o fosso entre ricos e pobres aumentava exatamente na época da industrialização, onde o abastado sentia-se dono de tudo e o pobre continuaria a ser escravo em meio a suas próprias decisões. (LENIN, 2020, p. 416)

De acordo com Lara (2013), a classe média desenvolveu-se a partir do antigo terceiro estado. Originalmente, os moradores dos assentamentos mercantes que ficavam fora dos muros da cidade eram chamados de cidadãos. Esses assentamentos foram nomeados de "burgus" ou "burgum" em latim medieval, significando algo como "bailey periférico". Esses residentes diferem entre o clero e a nobreza, por um lado, e dos trabalhadores urbanos e da população rural não livre, por outro. Desde o século XII, a burguesia, como classe de livre comércio, desfrutava de direitos especiais.

De acordo com Lukács (1976), os cidadãos organizaram-se em grupos, as chamadas *guildas*, e foram poupados das dependências do sistema feudal. Os feudos eram posses como lotes de terra e áreas que eram disponibilizadas pelo proprietário para uso agrícola e como habitação mediante impostos. Os fazendeiros que usavam aquele chão também tinham que pagar altas taxas. Eles viviam em condições muito simples e não eram livres. Os cidadãos, por outro lado, gozavam de maior liberdade pessoal, eles podiam decidir livremente sobre suas atividades econômicas e administrar a si mesmos dentro do município.

Segundo Lenin (2020), a principal preocupação da burguesia na sociedade estamental da Idade Média era adquirir propriedade privada que fosse tão grande e herdável quanto possível. Depois que se tornou cada vez mais possível para todos aprenderem a profissão que quisessem, independentemente de sua origem ou descendência, esta camada social média esteve a receber mais poder e oportunidades para impulsionar a indústria. Essa liberdade no comércio dividiu a burguesia em alta e baixa. A pequena burguesia, formada por artesãos, varejistas e pequenos comerciantes, tornou-se dependente da alta classe vitoriosa, composta por banqueiros (proprietários de bancos), grandes comerciantes e manufactureiros.

Assim, desde a Revolução Francesa de 1789 e as revoluções burguesas emergentes, a sociedade corporativa finalmente entrou em colapso, dando à burguesia mais novas oportunidades. Nesse ínterim, a sociedade burguesa se desenvolveu, e sob o lema *Liberdade, Igualdade, Fraternidade* foi exigido os direitos humanos e civis, bem como a igualdade perante a lei. No novo estado também deveria haver uma separação de poderes para que o poder do estado não fosse distribuído de forma muito unilateral. Foi instituído um estado de direito, estruturado democraticamente. A esfera pessoal das pessoas e a economia privada ganharam importância.

No final do século XIX, a outrora progressista burguesia tornou-se cada vez mais uma classe *conservadora*, ou seja, “a que mantinha velhas tradições” (LUKÁCS, 1976). Uma das obras que retrata bem a família burguesa urbana no século XIX, é a obra **O Primo Basílio**, de Queirós (2018), romance que conta a história de Luísa e Basílio, e da antagonista Juliana,

personagem bem mais completa e representante sociopolítica. Segundo Tonet (2016), os ideais da burguesia tiveram um impacto significativo nos culturais, valores e regras sociais (e isso ainda pode ser sentido hoje). Fala-se então da "visão de mundo burguesa" e das "virtudes". Estes incluem, por exemplo, ordem, economia, pontualidade, diligência e desempenho.

No final do século XIX, em específico na vida urbana oitocentista, era bastante comum nas famílias de classe média que empregadas mulheres cuidassem da casa, e a figura que é representada por uma pobre empregada na obra de Eça de Queirós é a Juliana Couceiro Távira, a qual servia de amo em amo durante muito tempo. A dona da casa tinha o papel de representante, ela que deveria zelar pela boa reputação da família e representar os valores burgueses para o mundo exterior, nesse caso representado pela figura de Luísa. Sempre de postura séria, discreta e sem muitas visitas em suas residências, o homem da casa, de figura patriarcal, recebia apenas alguns e poucos convidados para tratar de negócios e planos, enquanto as esposas ficavam a tocar piano ou a costurar. Assim, conforme Queirós (2018), havia encontros também “[...] em casa de Jorge [...] uma cavaqueira, na sala, em redor do velho candeeiro de porcelana cor-de-rosa. Vinham-se apenas os íntimos. O “Engenheiro”, como se dizia na rua, vivia muito a seu canto, sem visitas”. (QUEIRÓS, 2018, p. 24). Ganhar dinheiro, por outro lado, foi deixado exclusivamente para os homens.

Conforme afirma Lara (2013), na teoria de Karl Marx, a burguesia rica, a burguesia proprietária, foi declarada inimiga da classe trabalhadora empobrecida, enquanto para Marx a pequena burguesia oscilava entre as classes. A crítica foi dirigida especificamente aos cidadãos dos círculos educados, sobretudo às virtudes burguesas predominantes, que foram repetidamente expostas como expressão rígida e hipócrita. A crítica é que as visões e diretrizes comuns da sociedade não são questionadas, mas aceitas acriticamente porque a tradição dita.

A sociedade moderna superou o antagonismo de classes, vivemos numa “sociedade pós-industrial”, uma “sociedade do conhecimento” ou uma “sociedade digital” em que as posições sociais só são atribuídas através da educação, do gosto e de outros fatores “suaves” (LUKÁCS, 1976). A velha sociedade de classes foi substituída por uma altamente individualizada, na qual a consciência de classe e a luta de classes podem, na melhor das hipóteses, ser chamadas de folclore.

De acordo com Lenin (2020), ainda hoje, essas posições soam estranhamente antiquadas. Já faz algum tempo que a "questão social" ou mesmo a "questão de classe" voltou ao debate público, e isso tem a ver com desdobramentos históricos: com a precarização geral

das condições de trabalho, com a crise econômica mundial de 2007 ou com as ondas de migração, que muitas vezes passam pela fome e uma total falta de perspectivas econômicas são desencadeadas. Razão suficiente, então, para olharmos mais de perto o par de conceitos *classe e luta de classes*, que tornou famoso o economista e filósofo. O que exatamente esses conceitos significam? E como Marx chegou à luta de classes?

Segundo Lukács (1976), no exílio em Paris, Marx descobriu as classes como atores políticos e, em particular, o proletariado como motor do desenvolvimento social. Porque em Paris o “trabalhador pobre”, como era chamado na época, se organiza como sujeito político ativo.

Em resumo, a classe trabalhadora desenvolveu uma distância mental e habitual dos mecanismos essenciais de integração da sociedade burguesa (TONET, 2016). A indiferença às normas estabelecidas de sexualidade e parentesco e às invocações patrióticas tornou-se um hábito. Claro, Marx e Engels não querem negar que essa exclusão também não traz consigo sofrimento e miséria, pelo contrário, eles registram em detalhes os efeitos devastadores que a exclusão da riqueza (sua autoproduzida) tem sobre os trabalhadores (SILVA, 2014). No entanto, em sua negatividade, eles têm algo à frente do modo de vida não menos patológico da burguesia: um modo de vida que olha para o futuro. (LUKÁCS, 1976, p. 226 – Grifos do Autor)

De modo geral, pode-se dizer que a crítica marxista da literatura insere-se num conjunto mais amplo de análises teóricas que se voltam para a compreensão das *ideologias*, muitas das quais só se manifestam por meio da literatura [...] A crítica marxista tem como objetivo [...] *explicar* a obra literária de forma mais plena; e isso significa uma atenção sensível às suas formas, estilos e significados. Mas isso também significa compreender essas formas, estilos e significados como produtos de uma História específica. (SILVA, 2014, p. 225-226)

Conforme afirma Tonet (2016), todas essas mudanças objetivas contribuíram para dissolver a cultura da classe trabalhadora como um meio de resistência sociologicamente identificável. Acima de tudo, a tradição da teoria crítica alemã tentou levar essas mudanças em consideração teoricamente, substituindo a categoria de sociedade de classes por outras categorias, como sociedade de troca ou sociedade de valor, que, em vez da conflitualidade, enfatizam a totalidade e a inescrutabilidade da sociedade capitalista.

Segundo Lenin (2020), em sua interpretação de **LesMystères** de Paris, Marx argumenta de forma diferente do que em seus escritos posteriores. A razão para isso é que Marx ainda não está usando fortes pressupostos histórico-filosóficos para assegurar-se da vitória final do proletariado. Portanto, não é o caráter antecipatório do modo de vida

proletário que constitui sua qualidade especial. Em vez disso, Marx sugere que a própria falta de integração no modo de vida burguês dá aos excluídos acessos a outras fontes de vitalidade e felicidade. Isso fica claro na passagem mais longa em que ele argumenta contra o moralismo desencarnado dos "críticos": “Os críticos socialista e feminista estão de acordo com os humanistas liberais quanto a isso: desejam apenas observar que esse aprofundamento e enriquecimento implica a transformação de uma sociedade dividida em classes e gêneros...” (EAGLETON, 2006, p. 316).

De acordo com Lara (2013), na natureza, onde as cadeias da vida burguesa se desfazem, onde ela é livre para expressar sua própria natureza, uma riqueza de sentimentos, um deleite humano na beleza da natureza que prova como a situação burguesa apenas arranhou a superfície, é um mero acidente e, como ela, nem boa, nem má, mas humana é.

O essencialismo do jovem Marx foi ampla e convincentemente criticado. Não é apenas filosoficamente questionável porque a suposição de um ser humano "real", que supostamente está além de todas as manifestações concretas anteriores do humano, opera ela mesma com suposições metafísicas que não são informativas para a questão da direção da transformação social, mas também politicamente problemáticos porque contêm uma normalidade latente que corre o risco de restringir a capacidade de mudança das pessoas.

Segundo Tonet (2016), no entanto, se alguém lê Marx de forma mais fraca (ao contrário de sua própria afirmação), também pode entender suas reflexões sobre a espécie humana como uma aposta: uma aposta de que uma vida boa pode ser vivida melhor fora da dominação. Nesta versão fraca, a afirmação da superioridade das formas de vida subalternas não é mais apoiada pela filosofia histórica: nenhuma forma de vida existente pode mais esperar para antecipar a estrutura da forma de vida vindoura.

Por outro lado, isso tem a vantagem de que a aposta de Marx na Antropologia pode ser testada diretamente: ser contra, produz um retorno afetivo imediato, que pode não ser felicidade no sentido antigo, mas pode ser expresso como prazer ou intensidade, como carinho ou confiança, como solidariedade ou como amor.

Transitando pelos mais diversos autores e pelos mais diversos desdobramentos da crítica marxista da literatura, Terry Eagleton revela-nos um rico universo de possibilidades de leitura da obra literária que, como se pode ver, vai muito além da mera aplicação pragmática – para usar um termo caro à teoria marxista – dos conceitos forjados por Marx e seus seguidores ao texto literário (SILVA, 2014, p. 229).

No entanto, para ter acesso a essas formas de vitalidade é necessário tornar-se humano em condições desumanizadas, o que para Marx significa: ancorar o próprio modo de vida em

práticas sociais reais. De acordo com Lara (2013), o potencial existencial-estético dos modos subalternos de existência pode representar quando o não pertencimento se fundamenta em outra forma de pertencimento, ou seja, em uma comunidade de excluídos. A escolha do próprio modo de vida torna-se, assim, efeito de processos de politização. Politização significa desidentificar-se dos papéis sociais existentes e constituir novas formas de coletividade.

3. BURGUESES E PROLETÁRIOS NO ROMANCE

No capítulo anterior, exploramos brevemente alguns pontos sobre a contextualização e os episódios que marcaram uma determinada fase, a chegada do realismo no continente europeu, para que assim possamos compreender como a literatura está conectada com a história de um determinado lugar e de como se instituiu novas organizações, transformações, movimentos e hábitos, resultando em uma distinção, tanto entre as classes sociais, como entre os artistas e intelectuais de tal época, que almejam representar de forma artística o meio pelos quais se encontravam.

Tais aspectos apresentados e discutidos estão voltados à área de estudos na qual nos situamos para o desenvolvimento desta pesquisa: a *Literatura/Análise Literária*; sendo explanado, a princípio, o período escolhido (*o oitocentismo*); o estilo literário; a forma literária *romance* e de como as personagens são apresentadas nessas narrativas. De agora em diante, a discussão do presente capítulo será direcionada a entendermos determinados itens acerca do nosso objeto de pesquisa, ou seja, o contexto de classes inserida no romance queiroziano e a existência de conflitos sociais entre as personagens. O intuito deste capítulo é, portanto, captar fragmentos do livro de Marx, discutindo algumas perspectivas no âmbito histórico a fim de estabelecermos um comparativo entre estes indivíduos da obra ficcional, de forma que saibamos quem foram os opressores e quem eram os oprimidos nesta luta social em pleno século XIX.

3.1. Literatura e opressores

“Relacionar a literatura a fatores sociais pode enfatizar efeitos da leitura literária, os quais podem transformar o olhar do receptor diante da sociedade” (MENEZES, 2010, p. 1). É sobre este pensamento que se considera o modo como a própria literatura pode ser vista no âmbito histórico, ao ponto de retratar realidades sociais na forma de drama e diversos outros tipos de gêneros literários. Por esse viés, ao realizar uma determinada leitura, podemos identificar numa obra retratos de um contexto e cotidiano marcado por fases e eventos, sendo estes certos influenciadores para ações que propulsionam toda a narrativa.

Desse modo, é preciso citar que em **O Primo Basílio**, obra do autor Eça de Queirós e que faz parte da forma literária *romance*, são reveladas cenas da época provinciana portuguesa, onde ele desvia seu olhar e descreve sobre o espaço da sua época, a qual lhe

provocava a ter as mais diversas reações críticas. Estas, relacionadas aos atos humanos, descortinando a imagem de honestidade de uma sociedade tida como formalista, conforme afirma Oliveira Neto (2007, p. 4), “a sociedade criticada por Eça é aquela que em seu interior abrigava genes de um câncer em formação que eclodiu sob o signo da luta de classes, justificando, por outro lado, seu caráter social”.

Verifica-se então, que o que Oliveira Neto (2007) menciona é a ascensão da burguesia que predominava em Lisboa, sendo uma classe abastada, que vivia e se alimentava bem; que frequentavam os melhores e mais requintados lugares, se inspirando nos modelos franceses para seu vestuário; tornando-se valorizada, com uma imagem de alto apreço e prestígio; enquanto a população que possuía menor poder aquisitivo eram impostas ao trabalho pesado, tratadas com desprezo por serem consideradas inferiores, estando estes em condições de miséria e opressão, recebendo pouco por serviços que os patrões não faziam.

Assim, Queirós encontrava em seu país somente pobreza e desigualdade, fazendo com que ele possuísse repulsa e examinasse os ideais românticos e burgueses que havia por ali, expondo em seu livro características próprias de integrantes pobres e o (a)s da alta, referindo-se a essa partição existente. Esta diferenciação das relações de soberania entre o povo português forma o que Jacques e Samyn (2013) pensam acerca das figuras femininas que habitam este século, pois essas eram colocadas em âmbitos de vida dissemelhantes, visto que, de acordo com os autores, as mulheres só conseguiam ter acesso a somente aquilo a qual pertenciam.

Para se analisar como se introduz essa disputa pelo poder, é importante pensar o comportamento dos indivíduos em relação a este meio a qual se encontram e ao ambiente que se forma; no que diz respeito à sua vida social, às classes pertencentes e as categorias sociais a qual encarnam. No entanto, Queirós descreve tal posição intermediária, fazendo com que o desenvolvimento de conflitos na trama resume-se exclusivamente nas características de duas criaturas que retratam bem as sedes da sociedade: Luísa, a senhora romântica, representando o cenário burguês oitocentista; e Juliana, a serviçal, caracterizando a classe proletária realista.

Com esse fim, voltamos brevemente ao que já discutimos anteriormente no segundo capítulo; e levando em consideração a época pela qual estamos abordando neste trabalho, é importante lembrar que o século dezenove foi uma estação progressista, marcada por inúmeros acontecimentos que vieram afetar a vida política, social e econômica por toda a Europa. O continente então experimentava uma intensa modificação social nesse momento, proveniente da fase 1850. Quem dá as caras nesse meio tempo é a segunda fase da Revolução Industrial, acarretando uma crescente industrialização nos países, onde os trabalhadores rurais

tornam-se operários e a vida cultural lentamente vai se modificando. Silvestre (2009) ressalta, que o povo burguês, a indústria e o mecanicismo avultam-se, e que os princípios do liberalismo e da democracia se ampliam. A progressão das ciências daquela etapa, que objetivavam compreender o homem, foi, sem dúvida, estimulando os mais cultos.

Devido a estes avanços científicos, os artistas do grupo de Antero de Quental, entusiasmados com as novidades francesas e vendo seu país fragilizado, não queriam apenas uma mudança na arte literária, mas sim, uma renovação completa na cultura e sociedade portuguesa, uma modernização que desse destaque à racionalidade e expusesse as fraquezas das classes mais elevadas. Por isso se incomodavam com as obras dos românticos, pois essas eram desconectadas do cotidiano, e era necessário maior criticidade ao que realmente estava acontecendo no mundo. Assim, a ironia e perspectiva objetiva da sociedade eram características fundamentais do movimento realista, em que buscavam, de forma materialista, propor em seus textos um ataque ao modo de vida burguês e à falsa moralidade existente.

Foi assim que, no Brasil, por influência desses autores europeus, o movimento realista quis destrinchar, através da literatura de Machado de Assis (grande nome da nossa literatura brasileira), os perfis da burguesia pelo qual Machado também se encontrava inserido. De postura irônica, constrói sua obra *Memórias Póstumas de Brás Cuba* se referindo à elite burguesa do Rio de Janeiro; e semelhante a Eça de Queirós e tantos outros escritores realistas, ele analisa em seus escritos o psicológico das personagens, a sociedade e critica os ideais românticos, além da escravidão, preconceitos raciais e a “traição”, sendo esta última uma das temáticas que envolve o enredo do romance *Dom Casmurro*.

Posto isto, percebemos que tal organização e escola literária vem a refletir sobre o seu tempo, na busca por uma linguagem mais clara e verossímil, ao passo que questiona os princípios e padrões da mediocracia. Logo, trata-se de um período em que esta classe era quem governava, possuindo autoridade para consigo mesma, tornando assim a divisão entre grupos e as desigualdades ainda maiores. É a partir de então que o Realismo toma uma posição e se consagra como um dos momentos mais importantes dentro do âmbito literário, graças às suas ricas produções.

Tendo em vista o preconceito existente entre as camadas da época e que as esferas sociais são diretamente atingidas pela literatura de Queirós (2018) de forma impactante, utilizaremos como instrumento a obra de literatura política **Manifesto do Partido Comunista**, com intuito de nos dar um suporte para entendermos como Marx abordou essa separação na sociedade, para que deste jeito compreendamos os elementos do romance e suas relações a partir de seus perfis, onde, conforme Carvalho e Santos (2018, p. 137), podemos

melhor adentrar à obra de Eça, “[...] sendo possível conhecer alguns recursos utilizados [...] que permitem ao leitor penetrar na obra e viver o que está escrito e sentir um misto de sensações que só a literatura pode proporcionar...”.

A esse respeito, Marx (2006, p. 84) alega que “a história de todas as sociedades que existiram até hoje tem sido a história das lutas de classes”.

Frase bastante relevante, na qual o autor reitera que a sociedade como um todo está se dividindo cada vez mais em dois grandes campos hostis, em duas grandes classes diretamente opostas uma à outra. A partir daí, tentará definir, se propondo a explicar o que seriam estes *burgueses e proletários*, quem é quem; dando início ao capítulo I com ênfase às semelhanças entre eles e especificando os passos de cada um, onde todo o movimento vem partindo dessa premissa de que a história é marcada por embates entre tais posições. Com base nessa abordagem comparativa proporcionada por Marx (2006), é possível observar que ele coloca a famosa luta de classes como um impulso, que impeliu para a frente toda a nossa sociedade, que foi progredindo justo por esses conflitos, mesmo sabendo que, segundo ele, deve haver uma abolição.

Os mais ricos e poderosos viviam sempre em contenda com os mais necessitados e subjugados. Enquanto o primeiro lado (ambiciosos e cheios de interesses) quer manter o outro submisso, o segundo almeja as suas conquistas e deseja desfrutar dos privilégios do primeiro. Perante isso, o processo marxista tratado no primeiro capítulo do manifesto tanto se assemelha ao título do nosso presente capítulo, quanto ao nosso foco de análise no momento em que expõe, de início, os personagens antagônicos deste enfrentamento entre as esferas sociais, mostrando cada qual em um período específico, traçando uma pequena linha do tempo para melhor exemplificar essas classes, concluindo que na realidade sempre foi um embate entre “[...] livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição...” (MARX, 2006, p. 84).

Na visão desse autor, os opressores eram a burguesia, e os oprimidos os proletários, os que não tinham propriedade privada e dependiam das outras pessoas. Os prestigiados detinham os meios de produção, como fábricas e máquinas, e auferem lucro em cima do trabalho assalariado dos trabalhadores rurais e fabris; artesãos e comerciantes; pequenos funcionários públicos e empregados, ou seja, pessoas que tiveram que trabalhar muito, por pouco pagamento. A causa fundamental dessa dissonância entre os nobres e os desfavorecidos, para Marx, é o poder! Historicizando melhor esse embate entre tais oposições, ele traz dois exemplos claros sobre a cizânia dos opressores e oprimidos nas épocas passadas

em uma escala, e de quem completava certa posição, seja na Roma, onde encontramos os aristocratas, cavaleiros, plebeus e escravos; seja na Idade Média, com os senhores, vassalos, mestres, companheiros e servos (MARX, 2006).

Vemos assim que tais classificações são colocadas em uma *escada*, onde o que está elevado vai aos poucos descendo um degrau, afetando quem está abaixo e gerando ainda mais opressão a quem se encontra ífero. Marx (2006) ressalta que a *sociedade burguesa moderna*, pós-revolução e que se desenvolveu a partir do declínio feudal, não veio a abolir as classes sociais de modo algum; pelo contrário, formam novos grupos opressores, existindo outras gradações e um novo duelo em lugar das velhas brigas. Porém, essa moderna sociedade se destaca por possuir uma certa particularidade, ou seja, reduzir o conflito entre esses níveis justamente por não se sentir agradada em gerar novas classes, destruindo todas as classes primitivas e focando apenas em duas profundamente contrárias nesse novo cenário, que derivam dos termos já aqui mencionados: *Burguesia* e *Proletariado*. Posto isto, Marx define o conceito e as ações de cada palavra nesta obra. Corroborando com estes pensamentos, Siqueira e Pereira (2014) argumentam:

O capitalismo foi resultado de todo um processo de transformações iniciadas no ventre da sociedade feudal, mudanças que culminaram com o fortalecimento do poder econômico da burguesia e sua conquista do poder político do Estado. Marx e Engels citam as principais transformações ocorridas ao longo de pelo menos quatro séculos: as grandes navegações, a colonização de novas terras, a expansão dos mercados, o desenvolvimento da manufatura e do comércio, a formação dos Estados nacionais, a concentração da riqueza nas mãos dos comerciantes, entre outras (SIQUEIRA E PEREIRA, 2014, p. 63).

Quanto ao que estes pesquisadores destacam, observamos os avanços da nova classe em ascensão após a destruição dos feudos e a chegada da Revolução Industrial. O comércio era, de fato, inexistente durante o período feudal, pois havia a utilização do trabalho servil e a produção era totalmente voltada à agricultura, sendo esta a principal fonte econômica. A produção consistia em fabricações artesanais, cruciais apenas para consumo de tal comunidade. Todavia, esta organização perde forças e torna-se insuficiente à vista da ampliação de mercados inovadores, em que a manufatura passa a assumir o seu lugar. Desde então, os mercados a cada dia mais amplificam com o advento de novas tecnologias (máquinas), e a própria manufatura perde o seu lugar por ser considerada insuficiente em meio às indústrias modernas lideradas pelos *milionários das indústrias*, ou melhor dizendo, os novos burgueses.

Em frente a essas colocações, e ainda segundo os responsáveis pelo manifesto, a burguesia, onde quer que tenha chegado ao poder, destruiu todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou impiedosamente os laços feudais heterogêneos que prendiam o homem a seus superiores naturais, não deixando nenhum outro vínculo entre homem e homem além do juro puro, do insensível "pagamento em dinheiro" (MARX, 2006). Ela afogou os tremores sagrados do entusiasmo piedoso, do entusiasmo cavaleiresco, da melancolia filistina na água gelada do cálculo egoísta. Dissolveu a dignidade pessoal em valor de troca e substituiu as incontáveis liberdades documentadas e bem adquiridas por uma inescrupulosa liberdade de comércio. Em uma palavra, em vez da exploração envolta em ilusões religiosas e políticas, substituiu a exploração aberta, impudente. Em vista disso, podemos verificar, junto à Siqueira e Pereira (2014, 64), que:

A burguesia fez da dignidade pessoal um simples valor de troca, substituiu todas as liberdades pela liberdade do comércio, converteu as atividades anteriores e os profissionais em seus assalariados, criou e desenvolveu novas forças produtivas, aumentando a produtividade do trabalho, conquistou novos mercados e deu caráter cosmopolita à produção e ao consumo capitalista, desenvolveu um intercâmbio universal, inclusive no campo da cultura e a interdependência das nações, submeteu o campo à cidade, concentrou os meios de produção, de distribuição e de trocas, os meios de comunicação e de transporte.

A constante agitação da produção, a agitação ininterrupta de todas as condições sociais caracteriza a época burguesa acima de todas as outras. Todos os relacionamentos sólidos e enferrujados com sua comitiva de ideias e pontos de vista veneráveis são dissolvidos, todos os recém-formados tornam-se antiquados antes que possam ossificar. Tudo o que é sólido e permanente evapora, tudo o que é sagrado é profanado e as pessoas são finalmente forçadas a olhar para sua posição na vida, seus relacionamentos mútuos, com olhos sóbrios.

A necessidade de um mercado cada vez maior para seus produtos está impulsionando a burguesia em todo o mundo. Tem que se aninhar em todos os lugares, crescer em todos os lugares, fazer conexões em todos os lugares. Através de sua exploração do mercado mundial, a burguesia cosmopolitizou a produção e o consumo de todos os países. Para grande pesar dos reacionários, puxou o tapete nacional debaixo dos pés da indústria. As antigas indústrias nacionais foram destruídas e estão sendo diariamente. Eles estão sendo empurrados por novas, cuja implantação é uma questão vital para todas as nações civilizadas, por indústrias que não mais processam matérias-primas nacionais, mas matérias-primas das zonas mais remotas e cujos produtos são usados não apenas no próprio país, mas em todas as partes do mundo ao mesmo tempo (MARX, 2006).

Paralelamente à industrialização e à criação de um mercado mundial, ela também assumiu o poder político para manutenção dos seus privilégios e negócios. Na sociedade burguesa, esses princípios agora contam com egoísmo, livre comércio, valor de troca e pagamento em dinheiro. Todas as pessoas em todas as ocupações tornam-se trabalhadores assalariados, mesmo nas famílias prevalecem as relações monetárias líquidas. A revolução social da burguesia pode ser comparada com feitos históricos, como a construção das pirâmides e catedrais, a migração de povos e as cruzadas. E a revolução continua. A burguesia capitalista depende de desenvolver incessantemente os instrumentos de produção e as relações em que se baseia o seu domínio. Em seus quase cem anos de soberania de classe, a burguesia criou forças produtivas mais massivas e colossais do que todas as gerações anteriores juntas.

O proletariado é o oposto da burguesia com sua capacidade financeira. Mas como consequência da industrialização e do florescimento do capitalismo, o trabalhador é desvalorizado a um mero fator de produção, a uma mercadoria. Embora, em geral, a quantidade de trabalho esteja aumentando, cada vez mais são as máquinas que o fazem. O trabalhador fica sempre com trabalhos mais simples e primitivos, pelos quais se paga cada vez bem menos.

É evidente que a obra eciana tem os seus conceitos na obra de Marx, como destacam Barros Veiga e Nascimento (2020): “O realismo eciano consiste numa proposta sutil, irônica e, evidentemente, marxista, na medida em que contracenam oprimida e opressores”. Deste modo, estamos em contato com uma obra que trata também de “exploração trabalhista”, ocasionando essas notórias diferenças de classes. Os trabalhadores nesta narrativa não possuem consciência plena do seu lugar no mundo; mas o narrador juntará essa consciência de classe para contar essa história. A diarista, portanto, parte para a chantagem; e a senhora fica indefesa por não dispor da consciência de que ela é a opressora durante boa parte do enredo. Mas os papéis se invertem.

3.2. Literatura e oprimidos

O oprimido é configurado como o sujeito que é fruto de um corpo social que se afasta dos padrões vigentes, que sofreu e sofre exclusão no decorrer dos tempos, sujeito a algo ou alguém, sendo despercebido pelo espaço ao qual se encontra; sentindo na pele a repulsão de tal grupo predominante e ficando sufocado cada vez mais devido ao seu estado em uma sociedade não igualitária. Para Marx (2006), o proletariado, conhecido como o agrupamento

de trabalhadores assalariados em determinada região, se classifica nesta categoria de comunidade que não consegue ter usufruto do seu trabalho, e por isso torna-se oprimido por aqueles que tem a posse dos meios de produção.

Diante disso, essa discussão, que vai separar o povo em opressores e oprimidos, têm uma ligação marxista, quando tal movimento vem apresentar a famosa luta de classes entre burgueses e proletários, conceituando cada qual tanto na antiguidade, quanto durante e pós-revolução industrial nos oitocentos europeus. Nesse período, que significou o desenvolvimento das máquinas, mas também mudanças no processo de trabalho, os operários das fábricas eram denominados de *proletários*, ou seja, as pessoas pobres que trabalhavam muito por pouco salário e, conseqüentemente, possuíam pouco. A esse respeito, Almeida Neto e Vieira (2020) destacam que:

[...] as condições precárias de vida e de trabalho presentes nesse sistema, no qual os trabalhadores, não possuindo meios próprios de produção, são obrigados a vender sua força de trabalho para sobreviver, acentuaram vigorosamente as desigualdades entre as classes [...] o texto de Marx e Engels chama a atenção da sociedade ao relatar a realidade sócio-política em que se encontrava a população, analisando as relações estabelecidas entre os burgueses - a classe dos capitalistas modernos, proprietários dos meios de produção, os opressores - e os proletariados - a classe dos assalariados modernos, detentores da força de trabalho, os oprimidos. (ALMEIDA NETO E VIEIRA, 2020, p. 201-202).

Vemos assim que, com os avanços do capitalismo, forma-se esta nova camada; classe que contava com uma porção de indivíduos que viviam em busca de emprego e sustento, encontrando-se em difíceis e desumanas condições de trabalho, e que só conseguem trabalho ao passo em que este venha a gerar lucros e aumentem o capital. Dessa forma, ao aumentarem as máquinas e essas estando em progresso, o trabalhador desapodera do seu perfil de pessoa autônoma e converte-se a um mero “apêndice da máquina” (MARX, 2006). Almeida Neto e Vieira (2020, p. 202-203) então destacam que:

Os operários, segundo Marx e Engels, eram como soldados sob constante vigilância, aglomerados e organizados militarmente. Com o progresso da indústria e o desenvolvimento das máquinas, o trabalho não se restringiu somente aos homens, mas também às mulheres e crianças. Eram considerados somente como instrumentos de trabalho.

Tanto os autores Almeida Neto e Vieira (2020), como Ramalho (2021), entendem que com o resultado da expansão industrial, muitas pessoas se mudaram para as cidades para encontrar trabalho e ganhar dinheiro por esta região. Como o espaço para morar era escasso, rapidamente se formaram bairros miseráveis da classe trabalhadora nos quais os pobres

viviam. Conforme Losurdo (2015) os empregadores eram totalmente livres naquela época, surgiram condições desumanas de trabalho nas fábricas. A jornada de trabalho diária podia ser de até 18 horas, não sendo considerados domingos ou feriados. A crescente oferta de mão-de-obra nas cidades empurrou para baixo os já baixos salários e muitas vezes levou ao uso de mão-de-obra barata de crianças e mulheres.

Frequentemente, apenas as atividades de vários membros da família poderiam garantir a existência da família. Ramalho (2021), diz que, além disso, havia jornadas de trabalho excessivamente longas, de 12 a 14 horas. Houve uma alta frequência de acidentes nas fábricas porque as medidas de segurança eram extremamente inadequadas. Para Losurdo (2015), não só o trabalho, mas também as condições de vida eram completamente miseráveis. Muitas vezes, uma vida decente não era possível nos alojamentos semelhantes aos quartéis dos trabalhadores assalariados nas cidades que surgiam por toda parte.

O início da industrialização deixou centenas de milhares de jornaleiros desempregados devido ao declínio do artesanato. Eles se aglomeraram nas plantas industriais e nas cidades industriais de rápido crescimento. Esse influxo foi reforçado pelo êxodo rural de trabalhadores rurais sem propriedade causada pela opressão que a burguesia trazia (PETRAS, 1997, p. 12).

Marx (2006) sustentava que uma pessoa chamada de proletário só poderia sobreviver se vendesse sua força de trabalho, e exigia que a exploração das pessoas desprovidas terminasse e que o proletariado superasse o capitalismo, ou seja, o sistema que se opõe a ele. Por esta razão, o **Manifesto Comunista** foi escrito em 1848, segundo o qual todos os trabalhadores pertencentes ao proletariado deveriam se unir e defender os seus direitos.

De acordo com Netto (1998), as queixas levaram à fundação de sindicatos após algumas fusões de trabalhadores, que estabeleceram padrões como condições de trabalho humanas e períodos de descanso para os trabalhadores.

Essa opressão específica não é apenas a soma de muitas decisões erradas individuais e desinformadas feitas por brancos irrefletidos, mesmo que isso não possa ser negado. É o resultado de um sistema social baseado na opressão ora mais, ora menos violenta da maioria, que atomiza, divide e espreme. O capitalismo beneficia uma pequena minoria que acumula riqueza através da propriedade dos meios de produção, apropriando-se do trabalho não pago daqueles que têm que ir trabalhar todos os dias (MARX, ENGELS, LENIN, 2017, p. 21).

Conforme mostrado na obra de Queirós, **O Primo Basílio**, a Luísa e Basílio eram os burgueses beneficiados pela riqueza propiciada pelo capitalismo, e Juliana, na visão de Marx, era a proletária, a trabalhadora, simplesmente a oprimida, que se sujeitava a obedecer a todos

os caprichos de sua patroa, para não morrer de fome, nem viver na miséria. Seus traços e características apresentados já dão uma noção da pessoa sofrida com a vida que levava, amargurada por não poder possuir o que as mulheres ricas tinham. Era magra, aparência pálida (mostrando uma pessoa que vive em extrema pobreza). Viveu sempre doente, dormindo em um local de condições bem precárias, dando a notar o tratamento que a classe dessa do poder tinha sobre a classe mais pobre.

Segundo Netto (1998) e Petras (1997), a sociedade está convivendo com uma obra literária que está falando sobre a exploração, trabalho exaustivo, e que esses trabalhadores não possuem consciência plena desse lugar (que Marx dirá isso). A luta de classes não é uma luta coletiva, ela só é coletiva quando foram formadas as ligas, e depois o sindicato.

Para Petras (1997), o fato de que esses trabalhadores são uma classe que tem interesses comuns e só pode afirmá-los contra a classe proprietária dos meios de produção não é uma constatação automática. Assim como Petras (1997), Boyle (2006) entende que para pertencer à classe de "identidade", é necessária a consciência de classe. Muitas vezes, isso só se desenvolve em uma luta conjunta.

Conforme relata Losurdo (2015), é justo enfatizar o papel que a classe trabalhadora, consciente de seu poder, pode desempenhar. Com um meio simples, a greve pode paralisar toda a economia e assim a base desta sociedade. Mas não se pode escolher onde cada membro da classe política entra na luta e se identifica com outros que vivem a mesma opressão.

A experiência de opressão específica, as injustiças que negros, mulheres, minorias nacionais vivenciam todos os dias podem levar as pessoas a lutarem principalmente como negros, mulheres, ou também como palestinos. Essa opressão específica pode ser sentida como mais forte do que a econômica. Além disso, mesmo as péssimas condições de trabalho muitas vezes contêm um aspecto de opressão específica (SABARÁ, 2021, p. 154).

A renda e o padrão de vida das mulheres e das pessoas de origem migratória são mais baixos em quase todos os lugares. De acordo com Silvestre (2009):

Com a crescente industrialização, as mulheres das classes menos favorecidas foram, cada vez mais, abandonando o lar para se empregarem como assalariadas nas indústrias ou nas casas particulares. As mulheres trabalhadoras entravam, assim, em contacto com as duras realidades do mercado de trabalho. Não esqueçamos que se, na época, os operários masculinos eram muito mal pagos, as mulheres ainda mais. Consequentemente, seria mais vantajoso as entidades patronais darem emprego às mulheres. (SILVESTRE, 2009, p. 47-48).

Com base nessa citação, percebemos que a personagem Juliana se insere nesse contexto de mulheres trabalhadoras, que saiu do seu lugar, para trabalhar em casas burguesas.

Juliana, portanto, se enquadra como as “personagens de costumes”, que para Cândido (2011) se define como aquelas que possuem traços de uma personalidade e temperamentos fortemente marcadas na narrativa, influenciando no desenrolar das suas ações. Essas características já são reveladas no início da trama, fazendo com que o leitor se lembre e reconheça que tal intérprete segue a mesma personalidade apresentada logo no começo da obra. Vemos assim, que esta mulher desempenhou o mesmo papel de sua mãe, a de engomadeira, e passou a servir logo após um desentendimento entre sua mãe e uma vizinha; e viverá assim por toda a sua vida, visto que pouco tempo depois da confusão, sua genitora acaba falecendo, vítima de problemas no útero.

Desde então, servir foi a única via de acesso que ela teve de trilhar para conseguir se manter, pois casar não era para ela, e ninguém a tentara. Conforme Queirós (2018, p. 58) “[...] desde que servia, apenas entrava numa casa, sentia logo, num relance, a hostilidade, a malquerença; a senhora falava-lhe com secura de longe [...] punham-lhe alcunhas – a *isca seca*, a *fava torrada*, o *saca-rolhas*, imitavam-lhe os trejeitos nervosos...”. Daí que tão logo surgem as revoltas e amarguras, e a procura de sair dessa rotina, agindo com curiosidades e olhar sempre atento, pois para aquele século, pessoas em condições como Juliana, ou trabalhava, ou a extrema pobreza as levaria à sua morte.

4. ENTRE LUÍSA E JULIANA: PERSONAGENS REALISTAS

Com o objetivo de fazer um comparativo em volta das classes lisboetas, interessa-nos investigar as diferentes ações e movimentos produzidos no romance através dos sujeitos fictícios e as relações sociais que daí provêm. Dessa maneira, captamos cenas de *O Primo Basílio* em que aparecem indivíduos que instituem sua força maior sobre os mais frágeis e agem de forma opressiva, ocasionando em revoltas, aflições e futuros atritos. A relação entre a dona do lar e sua criada ocupa uma posição central nas reflexões propostas neste trabalho.

4.1. A forma construtiva de Luísa

Assim sendo, vamos, juntamente à Queirós (2018) transitando no início do livro, por uma típica residência burguesa da cidade de Lisboa, podendo observar cada detalhe do mobiliário, vestes e o ambiente sossegado que cercam os primeiros indivíduos apresentados pelo autor, o *casal burguês*. Daí, tão logo aparecem as características de um povo privilegiado, de boa aparência e boas maneiras; pessoas “descansadas”, sendo suas maiores preocupações as viagens dos *amos* a negócios; e a ausência/dependência destes para com suas esposas. Não seria necessário termos adiantado tanto na leitura da obra, para verificarmos que tais aspectos dizem respeito às principais “autoridades” da narrativa.

Podemos claramente perceber em nossa imagem fotográfica que a sala era ampla, seu teto era pintado de branco e as paredes com ramagens verdes, assim como o estofado das cadeiras e o tapete, o que fazia com que a sala fosse escura. Havia duas grandes janelas. As personagens iam para alguma janela quando estavam estressadas; a janela é um objeto muito utilizado na obra, principalmente por Luísa, que utiliza a mesma para se envolver em pensamentos tranquilos, lembrar de algo referente ao passado ou para fugir da monotonia daquela casa. (JACCHETTI, 2016, p. 38).

Luísa representa a mulher burguesa, a que não trabalha e apenas ordena, a que, como aponta Queirós (2018, p. 7) “saiu muito boa dona de casa; tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como um passarinho amiga do ninho e das carícias do macho”. Para dar uma melhor conceituação, Jacques e Samyn (2013) destacam que as mulheres de origem como Luísa não possuíam espaços para trabalhos, papel político ou qualquer outra participação social, visto que a sociedade de oitocentos era predominantemente masculina; ficando estas responsáveis apenas por seguir o que lhe foi imposto em sua educação: serem preparadas para casar, cuidar do lar e da aparência familiar,

pois o matrimônio traria felicidades para os pais; era uma verdadeira alegria, um “[...] descanso para a mamã” (QUEIRÓS, 2018, p. 14). Seguindo esse contexto, Nogueira (2017, p. 7) pontua que:

Ao descrever Luísa, Eça constrói uma mulher que tem uma vida social restrita, como dona de lar, sem afazeres domésticos e vítima de uma educação que a leva a arquitetar um mundo ficcional por meio de suas leituras românticas para fugir de sua rotina de marasmos.

Dessarte, Luísa era bastante interessada pela leitura de variados romances, “lia muitos [...] tinha sempre uma assinatura, na Baixa, ao mês” (QUEIRÓS, 2018, p. 10). Vivia sempre estirada na velha *voltaire*, quase deitada, sem sequer ver o tempo passar, onde Queirós (2018, p. 52) relata que vivia “[...] esquecida, absorvida, sem pedir luz”. E naquele assento, se deixava levar pelos seus sentimentos, desejos, angústias e lembranças picantes daquele amor idealizado com o seu primo. Fatigada e indisposta, sem nada útil a desempenhar, vivia ociosa, levando tempo a fazer exigências a uma de suas criadas, Juliana, a qual possuía grande repulsa. Toda essa ação leva Menezes (2010) a afirmar que:

Por outro lado, deitar-se constantemente naquele móvel, sem nenhuma responsabilidade a cumprir ou nenhum sentimento de culpa por estar ali, era também uma representação de poder. Somente por pertencer a uma classe relativamente elevada, Luísa podia dar-se ao luxo de passar horas descomprometida com o mundo, estendida em sua poltrona (MENEZES, 2010, p. 50).

A rainha do lar, que gozava de primazias e levava uma vida sossegada, reclamava à diarista das demoras de seus chás, das roupas que não haviam de serem engomadas e postas em seus lugares; do tilintar prolongado da campainha nos momentos em que a empregada conquistava um curto intervalo de tempo para tomar sua *sustância* e assim conseguir repor as suas forças para dar continuidade naquela labuta, como exemplifica o seguinte fragmento do livro: “A senhora zanga-se, senhora Juliana. – Que a leve o diabo! Limpou os beiços gordurosos ao avental, desceu furiosa. - Você não ouve, mulher? Estão a bater há uma hora!” (QUEIRÓS, 2018, p. 65). Essa passagem da narrativa esclarece o comodismo de Luísa, no simples fato de abrir uma porta e atender alguém.

Pensando nisso, Nogueira (2017) ressalta que a inação e a preguiça de Luísa são fatores da sua educação moral, instruída a não conter em si gostos pelo dever e obrigações, exatamente por pertencer a uma camada mais nobre, fazendo com que o autor do romance condene a ociosidade da personagem como um dos males da mulher pela sua falta de exercícios. Sendo assim, podemos encontrar nesta obra diversos episódios que mostram esse

tipo de comportamento, do mesmo modo que conseguimos nos deparar com traços de uma antipatia/preconceito existente vindo da patroa à doméstica, onde a primeira, juntamente ao seu “maridinho” (QUEIRÓS, 2018, p. 42), se aproveitam e se beneficiam dos encargos da segunda.

- E os meus coletes brancos? – disse. – Devem estar prontos. Para certificar, chamou Juliana [...] os coletes não estavam prontos, disse com uma voz muito lisboeta; não tivera tempo de os meter em goma. – Tanto lhe recomendei, Juliana! – disse Luísa. Bem, vá. Veja como se arranja! Os coletes hão de ficar à noite na mala! E apenas ela saiu... (QUEIRÓS, 2018, p. 8-9).

Tudo era motivo de implicância e repúdio com o serviço da pobre criada, e os gestos desta última causavam-lhe arrepios e irritação. De acordo com Queirós (2018):

Há dois meses que a tinha em casa e não se pudera acostumar à sua fealdade, aos seus trejeitos, à maneira aflautada de dizer *chapiéu*, *tisoiras*, de arrastar um pouco os *rr*, ao ruído dos seus tacões que tinham laminzinhas de metal; ao domingo, a cuia, o pretensioso do pé, as luvas de pelica preta arrepiavam-lhe os nervos. – Que antipática! (QUEIRÓS, 2018, p. 9).

Luísa a cada dia tomava ódio pela figura de Juliana, tratava-lhe com muita *secura*. Comentava com Jorge, seu homem, a respeito da negação da presença de Juliana naquele ambiente, ao ponto de teimar em despedi-la de uma vez, nos casos de implicância. Jorge, homem fino e de bons hábitos, sempre estudioso e amante da leitura de cunho informativo, funcionário público padrão, encarnando gestos de um moço sério e provedor, exemplar para a sociedade portuguesa, revela no seguinte trecho o seu papel dominante sobre a sua esposa, sendo esta inteiramente rendida a ele:

[...] e examinando fixamente as unhas, a testa um pouco franzida, pôs-se a dizer: – Mas enfim, se eu embirro com ela, não me importa; posso bem mandá-la embora. Jorge parou, e raspando um fósforo na sola do sapato: - Se eu consentir, minha rica... (QUEIRÓS, 2018, p. 9).

Vemos, pois, que tal fragmento remete a atitudes autoritárias e patriarcais sobre o perfil feminino, em uma ocasião em que as ordens só poderiam ser a dos homens. É importante destacar que, as questões de gêneros também estão demarcadas nas folhas queirosianas, pois o homem da época, segundo Andrade (2017, p. 67), “[...] trabalhava, provia e exercia sua dominação sobre a mulher, a quem cabia a casa. Essa relação de dominação do masculino sobre o feminino, definindo o papel coadjuvante para a mulher, também estava prevista nos desfechos das revoluções”, no qual, estas movimentações e transformações não

vieram a produzir a igualdade de direitos e de gênero, tendo uma consequência contrarrevolucionária, reinserindo a mulher em seu papel de dona do lar. O princípio de “liberdade e igualdade” não eram alcançados como forma de igualdade entre homens e mulheres.

Quanto ao assunto, Queirós, ao produzir seu romance, procurara um espaço na literatura para discorrer questões sobre classes, gênero, adultério; havendo aí semelhanças e influências entre outros autores, como, por exemplo, o francês Gustave Flaubert, tratando do que ocorria em seus tempos, mas que mostra uma realidade que ainda pode estar presente no nosso cotidiano. O autor de “**A relíquia**” ainda apresenta um narrador onisciente e personagens do livro como vítimas da sociedade que vivia, pois estas se encontravam em um ambiente que não dava espaço às mulheres e menos ainda às que pertenciam às classes inferiores.

Com isso, ele constrói Jorge como uma figura de liderança, zelo e honestidade durante o primeiro capítulo. Dessa maneira, Jorge identifica-se por ter cuidados especiais com Luísa, pois se portava como defensor da família e da moral, na “[...] obrigação de proteger e defender a pessoa e os bens da mulher; e a esta a de prestar obediência ao marido” –, tendo a “boa imagem” diante da sociedade e os “bons costumes” como primordiais [...]ou seja, ele é o ser racional da casa, o que resolve as coisas, o que aconselha, o que guia pelos bons caminhos, o responsável por fazer as coisas “andarem”; a ela, cabe executar o que ele diz” (JACQUES E SAMYN, 2013, p. 79). Assim, entendemos que quando a esposa alega sua possível aversão, na intenção de dispensar a trabalhadora, este acaba atuando com controle sobre ela, assegurando de que a empregada continuaria naquele teto por puro reconhecimento à sua função durante a doença da sua tia Virgínia, uma senhora rabugenta que se encontrava em seu leito de morte. Contudo, compreende-se que o ódio pelo qual Luísa possui com aquele arquétipo feminino de pessoa acre se associa com as oposições que atravessam este casamento, pois, em concordância com o que Pereira (1996, p. 53-54) cita quando afirma que “o universo em que Luísa vive é, inicialmente, o universo de Jorge, o que foi transmitido a ele pelo pai, juntamente com os “ombros fortes” que carregam as responsabilidades e os direitos do patriarcado”.

Luísa então era cobrada por Jorge a não receber visitas de pessoas devassas como D. Leopoldina, sua melhor amiga de infância, a “[...] quebrais! É a pão-e-queijo! [...] uma vergonha!” (QUEIRÓS, 2018, p. 21), visto que Leopoldina por ser dona de suas próprias vontades e com forte independência, era marginalizada socialmente por romper as barreiras atreladas à mulher. Continha muitos casos com diversos homens e uma vida sexual bem

agitada. Portanto, Jorge se empenhava em proibir aquele contato, uma vez que tinha má-fama pela sociedade lisboeta e conservadora daquele quartel. Luísa “[...] já não ia a casa de Leopoldina, tirara o seu retrato do álbum da sala, vira-se obrigada a confessar-lhe a repugnância de Jorge, tinham chorado ambas até! Coitada! Só a recebia de longe a longe, uma raridade, um momento!” (QUEIRÓS, 2018, p. 22). Vê-se assim que esta era oprimida pelo próprio esposo, e isso a constrangia, a deixava desequilibrada, agindo de maneira diferente do normal. Mesmo perdendo aquela amizade, precisaria obedecê-lo. Tinha desgosto pelos amigos de Jorge (Julião), mas pela admiração que ambos tinham um pelo outro, precisaria ser simpática, sendo sujeitada a manter-se dedicada às suas decisões.

4.2. A voz proletária em ascensão de Juliana

Luísa oprime Juliana, mas ela era ainda mais oprimida pelo seu companheiro, na questão de liberdade e de não ser a dona da palavra. Moças como ela não possuíam acesso ao papel político e liberdade para explorarem o mundo, e isso ia deixando cada vez mais sufocada pelas regras postas pelo esposo e o legado ofertado a ela dos velhos costumes tradicionais dos antepassados que a interditavam e lhe entediavam. Neste sentido, Pereira (1996, p. 54) entende que “como parte dessa herança imposta pelo marido, encontra-se Juliana, mulher ambiciosa, inconformada com a sua posição social, invejosa do conforto e do luxo da ama”, dado que empregadas naquele século atravessaram várias gerações. Esta, que primeiramente adquire uma conduta de coadjuvante na trama, no prolongar da ficção vai indicando como serão os seus feitos; do mesmo modo que Luísa apontará suas ações ao despertá-la a curiosidade em saber dos segredos da Leopoldina e de experimentar o que se lia.

Em suma, Juliana era uma *criada de dentro*, fazia de tudo, menos cozinhar, pois este papel foi cedido à Joana, que também faz parte do grupo serviçal da casa do engenheiro. Seu trabalho então incluía funções como lavar, estender, engomar, varrer, carregar baldes de água para os banhos dos seus patrões, e logo após despejar. Abria a porta recebendo as visitas, e nas reuniões, serviam-lhes, chegando sempre à sala com um eco do som das chávenas, “[...] de avental branco, com o chá [...] e pousava sobre a mesa o prato das fatias, os biscoitos de Oeiras, os bolos do Cocó” (QUEIRÓS, 2018, p. 32). Enquanto os ilustres se reuniam em encontros semanais para tomar chás e tratar de negócios, a serviçal, representando a classe inferior, se encarregava de cumprir com mais um de seus diversos exercícios e cargas. Enxergamos, pois, a discrepância entre tais esferas, quando são mencionados os comes e bebes dos superiores, que se alimentavam bem e não lhe podiam faltar nada. Já Juliana comia

o que sobrava; sentia-se fraca e faminta, e era gulosa. Quando adoentada, era que Joana ainda “[...] fazia-lhe um bife às escondidas...” (QUEIRÓS, 2018, p. 44).

Além disso, arrumava o quarto ao gosto da senhora, e à noite, antes de se deitar, ia até ela pousar a lamparina sobre a cômoda, estando a perguntar o que mais a *ama* desejaria; e ouvia palavras duras e ofensivas, ao ser comparada com um elemento negativo de feição desagradável, a “imagem da morte!” (QUEIRÓS, 2018, p. 53), o que a deixava cada dia mais revoltada. Diante disso, Queirós (2018, p. 42) destaca: “- A que horas quer a senhora que a venha acordar? – disse a voz seca de Juliana. Luísa voltou-se: - Às sete, já lhe disse há pouco, criatura”. Dessa forma, é possível reparar que nessas cenas expostas pelo narrador no desenvolvimento da narrativa, começa a acender as chamas para as relações de conflitos entre a protagonista e a personagem secundária.

De imediato, logo nas primeiras páginas, percebemos a cisma da mulher de Jorge em cima da figura pobre (de feição e de benefícios) da empregada; logo notamos as posições de vida e ações de quem exerce autoridade sobre o outro, além da facilidade de possuir conforto e bem-estar às custas de seus interesses e abusos de poder. Quanto mais a criada trabalhasse exaustivamente em função da sua comodidade, ou da saúde de seus entes, maior era o sentimento de dívida para com ela, caso tivesse ótima dedicação em seu emprego; mas o que poderia ser uma esperança de vida a esta pelejadora, infelizmente acabava indo por água abaixo e lhe afligindo, justo pelas cansaças, pouca remuneração, sendo apenas acolhida nas moradias desses burgueses e submetida a viver em situação precária como forma de agradecimento em razão do seu “bom serviço”.

Juliana precisava trabalhar, mesmo não tendo se acostumado a servir. Foi ficando nesta “prisão” por necessidade. Nos momentos de debilidade, Juliana solicita visita ao médico, devido às fortes dores no estômago, as quais impediam-lhe de fazer maiores esforços e de ter ao menos uma noite de sono, pois boa nunca era. Neste caso, notamos uma condição de opressão para com o oprimido, a partir do instante em que aparecem as cenas de um quarto apertado, abafado e sujo, disponibilizado por Jorge e Luísa para uma proletária que possuía alguns problemas de saúde. E fica aqui o nosso questionamento: será se esses problemas se agravaram somente por inalar aquele forte cheiro de tijolo cozido vindo do dormitório? Ou as suas dificuldades em respirar seriam os remorsos da opressão calejando sua alma, e anseios de também desfrutar de uma vida digna, que estava lhe sufocando todas as noites? A intenção de Eça de Queirós é nos provocar a ter tais visões e reações, e é o que buscaremos descobrir adiante. Portanto, em virtude do seu vigor fragilizado e as enormes pontadas que sentia,

Juliana implora compreensão da parte de Luísa em suas complicações, recebendo somente respostas diretas e monossilábicas, além de mais serviços.

A porta do quarto rugeu devagarinho. – Que é? A voz de Juliana, plangente, disse: - A senhora dá licença que eu vá logo ao médico? – Vá, mas não se demore. Puxe-me essa saia atrás. Mais. O que é que você tem? – Enjoos, minha senhora, peso no coração. Passei a noite em claro [...] – Pois sim, vá – disse Luísa. – Mas arranje tudo antes. E não se demore, hem? (QUEIRÓS, 2018, p. 43).

Eis um trecho que explana mais uma relação de poder quando os ricos apenas se permitem serem gentis mediante as suas vontades. De fato, encontrava-se mais amarela e de aparência debilitada; precisava quase sempre realizar suas consultas. Porém, não interessavam a eles os estados de exploração ao qual submetiam os trabalhadores, quanto mais as suas fraquezas e dores; era sempre exigido mais trabalho, pois “parar” seria considerado sinal de que não era boa o bastante.

Agora que já sabemos quem são o (a)s personagens *opressores* ao qual foram aqui conferidos, e que em seu conceito são aquele (a)s que possuem o ato de envergonhar/diminuir um determinado grupo de pessoas pelo simples fato de estes não seguirem os hábitos e modelo daquele tempo; não poderia deixar de lado um dos principais personagens para o movimento desta trama, o famoso primo Basílio de Brito, pois todas as ocorrências no desenrolar-se do romance se dá em consequência da sua chegada e ação. Em resumo, Basílio veio para o Brasil fazer fortuna, e voltou a Lisboa, após anos vivendo em Paris, lugar que o contaminou de trejeitos franceses, a ponto de julgar as pessoas pelas suas vestes e aparências. É o que acontece com Julião, parente distante de Jorge, que apareceu em casa do engenheiro desajeitado quando o primo se encontrava presente; vestindo roupas velhas e fora de uso. Na seguinte passagem, retirada da metade do capítulo IV, Queirós (2018) deixa evidente a forma com que Basílio trata Julião, deixando-o vergonho e odiado:

[...] ergueu-se do sofá languidamente, e, num relance, percorreu Julião desde a cabeleira desleixada até às botas mal-engraxadas, com um olhar quase horrorizado. Que pulha! [...] examinava a sua meia de seda bordada de estrelinhas escarlates, e cofiava indolentemente o bigode, arrebitando um pouco o dedo mínimo... (QUEIRÓS, 2018, p. 78).

Basílio então passa a avaliar a moda portuguesa, apontando defeitos nos trajes femininos, afirmando que a capital francesa era muito mais elegante. Nesse momento de fala do Basílio trazido pelo narrador, Queirós (2018) faz referência aos avanços e

desenvolvimento que se tinha na França, diferentemente de Portugal, que ainda se mantinha atardado.

Dando continuidade à nossa discussão, este romance começa a desencadear no momento em que Jorge, o marido, viaja a trabalho e a mocinha recebe o seu primo (com quem manteve um caso no passado) em sua residência, causando a bisbilhotagem e comentários por parte da vizinhança e da própria empregada, sendo esta última uma mulher que só buscava descobrir algum segredo, uma solução para sair da vida que levava, servindo há anos, sendo lograda, tomando ódio pelas patroas ao ser humilhada e expulsa por elas.

Para os moradores dali, era estranho ver uma mulher recatada como Luísa receber um rapaz, estando o engenheiro a trabalho. Era isso que causava também a curiosidade urgente de Juliana.

Dessa maneira, a prima de Basílio enfraquece e cai nas investidas que ele tinha, tornando-a seduzida por ele. Encantada com a vida que o primo levava, já não se preocupava tanto com os cuidados em esconder o amor proibido e idealizado. Com isso, trocava cartas, costume da época, até certo momento em que a empregada Juliana consegue pegar do lixo um escrito para Basílio que ela havia jogado fora no instante que achava que seu marido tinha chegado. E é a partir disso que os conflitos começam.

Nesse sentido, a patroa, até então dominante em uma sociedade burguesa, torna-se, assim, dominada, cujo papel referia-se à empregada, classe inferior pertencente à massa minoritária. Ao obter as cartas, a empregada passa a fazer exigências ainda maiores, vendo isso como solução individual de libertação da opressão que vinha a sofrer. Exorquindo o outro, que não tinha como pagar com dinheiro, a obriga a inverter os papéis sociais e assumir os trabalhos de casa, em que a opressora até então se torna a oprimida e dominada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dialogar sobre personagem de romance nos proporcionou conhecer intérpretes de um período marcado por episódios estruturados no enredo, que viviam tamanhos acontecimentos, nos quais o movimento destas em um texto narrativo é colocado por Candido (2011) como uma sensação que não pode romper ou ficar invisível aos nossos olhos, ou seja, quando pensamos na trama, pensamos em quem faz parte dela, assim como também conseguimos refletir sobre a vida que levam e os impasses que circundam toda a narrativa.

Enfatizando as duas principais personagens de **O Primo Basílio**, Luísa e Juliana, foi possível compreender que no livro referido, houve uma clara intenção, por meio dos personagens, de eliminar o decadente movimento Romântico em benefício da ascensão do Realismo. Acresce que, a sociedade portuguesa também faz parte desse enfraquecimento social, quando é exposta à vida real sem a hipocrisia que dominava até então. Com isso, o conflito entre a patroa e a empregada doméstica sobreposto no livro, evidencia as diferenças sociais entre a burguesia e a classe proletária, assim como a falta de dinheiro da patroa, para se livrar das chantagens da empregada, identificando também de como o homem é detentor de todos os bens enfatizando dessa forma as diferenças de gêneros.

Focando ainda mais nesta obra literária, entendemos que esta possui fortes críticas à burguesia e as suas hipocrisias na época; as críticas estão de pano de fundo para um romance do XIX. Vemos, pois, que o clímax se desenvolve entre a viagem de Jorge (o marido de Luísa) e a visita do primo Basílio de Brito. Assim, como os casamentos daquela época, o de Luísa e Jorge era baseado apenas no interesse de viver protegida e desfrutar de luxos; e esse ponto fortaleceu os desejos entre Basílio e Luísa que consumou no jogo de sedução e na famosa traição. Nesse contexto, entra uma personagem fundamental, a Juliana, a governanta da casa, que descobre a traição e se aproveita disso para lucrar. A partir daí, ela percebe uma oportunidade de se favorecer, e diante disso é possível notar que Juliana tinha um impetuoso desejo de mudar de vida e Luísa foi um método de se alcançar esse objetivo; considerando as condições de trabalho e salário da época que motivaram ainda mais as ambições desta criada.

Segundo Mendonça e Guerreiro (2017), faz-se necessário proferir acerca dessa relação entre Juliana e Luísa, e nesta relação, podemos notar a forma em que a patroa subestima e é grosseira com a diarista; e esta última possui então repúdio e temores sobre a sua vida, considerando então a frequente desconsideração de Luísa em relação à mesma como indivíduo, desconsideração esta que vem a atingir o seu lado emocional e moral, conduzindo

ao constante ódio que Juliana nutre às amas, dado às suas amarguras e frustrações, resultando em atitudes atrevidas e antiéticas desta serviçal.

Desse modo, no desenvolvimento deste trabalho, constatou-se que os objetivos da pesquisa foram atingidos quando a nivelamos de acordo com suas posturas e deixando em evidência que essa relação conturbada entre as duas se dá pela razão de que a patroa tirava muito proveito dos serviços da criada, ordenando, oprimindo-a; deixando viver em condições desfavoráveis que afetavam a sua saúde já frágil. Juliana vivia debilitada, estava revoltada com a vida. Invejava a burguesia e tinha o sonho de sair do seu papel que desempenhava, para viver uma vida feliz, independente dos homens, pois tinha o desejo de ainda possuir seu próprio negócio, tendo uma tabacaria (uma atitude de quebra de paradigmas, visto que somente os homens na época teriam este tipo de estabelecimento). E é com tais comportamentos que Juliana, conforme Pereira (1996), torna-se a personagem mais bem sucedida, pois um misto de sensações lhe agita: o rancor, o desejo, a ganância e a vaidade reprimida.

Com isso, quando Luísa trocava cartas para seu amante, costume da época, Juliana consegue pegar do lixo um escrito para Basílio que Luísa havia jogado fora no instante que achava que seu marido tinha chegado. Juliana, uma mulher de saúde frágil, era revoltada; já que não conseguiu realizar seu sonho de ter uma tabacaria, então tinha despeito pelos patrões, inveja das senhoras da sociedade e era maledicente, viu uma oportunidade, naquelas cartas, de obter o que queria. A empregada, tenta extorquir a patroa, pedindo uma quantia em troca das cartas, mas a patroa não tinha, já que naquela época o homem era o detentor dos bens. Luísa, por sua vez, pediu dinheiro a Basílio, que desdenhou da situação e foi embora para Paris.

Ao obter as cartas, ela passa a fazer exigências maiores, vendo isso como solução individual de libertação da opressão que vinha sofrendo. Extorquindo a sua senhora, que não tinha como pagar com dinheiro, a obriga a inverter seu papel e assumir os trabalhos de casa. O abatimento de Luísa e o medo da revelação é tanta, que ela se submete aos gostos e vontades de Juliana, cujo poder adquirido de dominação a deixa confiante em prosseguir com as chantagens para obter seus benefícios, não tendo a mínima importância para as condições a que ela permanecia. Desta maneira, conforme Oliveira Neto (2007, p. 5), Juliana se destaca por fazer avançar a trama, já que é devido ao poder dessas valiosas cartas em suas mãos que acontece o conflito principal, sendo esta “a evocação do contexto pobre, simplista (a marginalidade social), mas que, suficiente e convincente, detém poder de expor feridas, o podre burguês”.

O marido, ao ver a esposa passando roupa, resolve demitir a empregada. Nesse momento, percebe-se a burguesia (dominante) se impondo sobre o proletariado (dominado), e também, a dominação do homem que manda na casa e em todos ao seu redor. Nesse momento, com receio de ser descoberto o adultério, Luísa chega à extrema humilhação ao pedir dinheiro a um banqueiro, amigo de Leopoldina, em troca de sexo, mas claro a mulher idealizadora e “romântica” desiste da ideia.

Seguindo, a patroa recorre ao amigo do casal, Sebastião, homem desprezioso que só quer manter as aparências de um lar feliz. O amigo pede ajuda a um oficial da polícia para pegar as cartas com a empregada e, com essa postura, consegue de volta. Logo, Juliana, retorna ao papel de dominada cujo achou ter saído, não tem forças, nem conhecimento para lutar contra a burguesia, porque além dessa classe ser dona do dinheiro, também dita regras e pensamentos da sociedade. Prontamente a empregada, apavorada, sofre um ataque do coração, e morre. Encontramos então uma personagem que, de acordo com Oliveira Neto (2007, p. 6), “[...] estava fadada ao fracasso [...] o egoísmo, o querer resolver os próprios problemas econômicos, progredir socialmente sem preocupações classistas, seu determinismo, marca-a, mostrando que não teria possibilidades de um novo destino”. Dessarte, Queirós (2018) traz a sua morte como a representatividade disso.

Ao realizarmos a análise sobre a figura de Juliana como mulher de classe subalterna, evidenciamos que esta age diante de um processo revolucionário enquanto mulher proletária. Estando dentro desse conflito familiar e capitalista, das formas de conceber opressão e poder, ela é um veículo que acaba ganhando voz a partir do momento em que ela externa a sua fragilidade. Vimos, pois, que Juliana não sobrevive no romance porque o sistema não irá permitir isso, ela não consegue superar o capitalismo. Se ela fosse uma heroína trágica, ela conseguiria ter vencido. Ao comparar a morte de cada uma, percebe-se que o autor oferece um tipo dessemelhante de óbito. Enquanto Luísa adoece, fica acamada, definhando e esperando a sua hora chegar; Juliana terá outra morte, talvez causada pelas mágoas e angústias de não poder desfrutar dos mesmos privilégios que os mais ricos.

Os conflitos capitalistas e revolucionários em questão tinham um forte impacto na vida dos contemporâneos, sendo visto no controle e submissão dos desempenhados por Juliana e Luísa; as ambições financeiras que superam qualquer outro enredo, fortalecem a representação dos capitalistas. A morte repentina de Juliana devido ao desmoronamento de seus sonhos de enriquecimento por meio de exploração remete à descolonização do capitalismo.

No decorrer deste estudo, observou-se que é essencial considerar que o impacto maior desse conflito é social devido à discriminação presente, a riqueza nas mãos de poucos; a dificuldade de a minoria ter ascensão, além da hipocrisia existente. Outro fator importante a argumentar, é que a luta de classes vem desde os tempos remotos, bem como a luta pela igualdade. Sendo assim, pode-se concluir que, apesar de serem de diferentes classes, a patroa e a empregada nesta obra estiveram em conexão constante, ligadas uma à outra, pelo desejo de algo, que era viver de seus sentimentos mais ocultos.

O livro faz críticas ao capitalismo e à burguesia; aos "novos ricos" e suas consequências sociais, diante das relações de trabalho. Contudo, ficou claro no desenrolar da obra que a falta de consciência de classe é uma das sequelas do capitalismo e se podia notar essa condição no período histórico presente no livro. Juliana representa o desejo desenfreado de enriquecimento desrespeitando os processos humanos, e a busca por poder e dinheiro é uma das principais características da personagem, cumprindo perfeitamente seu papel de analogia entre a ficção e a realidade.

Por fim, se faz necessário compreender que o desenvolvimento desta pesquisa teve como motivação entender sobre como Eça de Queirós mexe e intriga a sociedade lisboeta ao questionar o papel de cada pessoa na sociedade, assim como refutar a classe dominante oitocentista que até então era vista como perfeita e inabalável. Todavia, esses pensamentos de discriminação de classes sociais e de gêneros, persistem em diversos lugares, até os dias atuais.

Assim, podemos perceber, na atualidade, a necessidade de o tema escolhido, conduzindo os profissionais de áreas afins a uma breve reflexão sobre as mudanças e/ou continuidade sobre questões sociais destacados no tema deste trabalho, aproxime esta temática às futuras práticas de ensino e ao término da graduação, juntamente com esse tema e assuntos do romance realista português, além destes materiais que auxiliaram nesse processo para que pudéssemos ter novas conjunturas sobre o romance. Dessa forma, a obra se ocupa, por fim, de um tema riquíssimo para se levar à sala de aula, buscando despertar nos discentes a criticidade, oferecendo aos estudantes o conhecimento sobre uma época cercada de opressão e opressão, dividida entre burgueses e proletários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA NETO, E. R. de; VIEIRA, F. Resenha da obra “Manifesto Comunista” de Karl Marx e Friedrich Engels. **Revista Contemplação**, [S. l.], n. 21, 2020. Disponível em: <https://revista.fajopa.com/index.php/contemplacao/article/view/228>. Acesso em: 15 de março de 2023.

ANDRADE, J. R. de. Mulheres em “O Primo Basílio”: fronteiras e limitações do feminino na sociedade portuguesa novecentista. **Revista Desassossego**, São Paulo, SP, v. 9, n. 17, p. 64-84, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/desassossego/article/view/131672>. Acesso em: 15 de março de 2023.

BOYLE, David. **O Manifesto Comunista de Marx e Engels**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Jorge Zahar, 2006.

BRAIT, Beth, **A personagem**. 8^a.ed. - São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antônio, et al. **A Personagem de ficção**. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, C. F. de; SANTOS, R. da S. A Linguagem Literária: alguns recursos linguísticos-literários usados na construção da obra O Primo Basílio. **Porto das Letras [S. l.]**, v. 4, n. 3, p. 137-152, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5390>. Acesso em 22 de março de 2023.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. Disponível em: <https://interartesufgd.files.wordpress.com/2016/05/eagleton-teoria-da-literatura.pdf>. Acesso em: 09 de janeiro de 2023.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. **Língua e literatura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1985.

JACCHETTI, Kassandra Luiza. **A relação entre o espaço e as personagens femininas no romance O Primo Basílio, de Eça de Queirós**. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/1242>. Acesso em: 22 de março de 2023.

JACQUES, K. da S. J.; SAMYN, H. M. Condição social e identidade feminina em O Primo Basílio. **Litterata: Revista do Centro de Estudos Hélio Simões**, v. 3, n. 2, p. 74-88, 2013. Disponível em: <http://periodicos.uesc.br/index.php/litterata/article/view/854>. Acesso em: 04 de abril de 2023.

LARA, Ricardo. Notas lukacsianas sobre a decadência ideológica da burguesia. **Revista Katálysis**, Florianópolis, SC, v. 16, n. 1, p. 91-100, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/S1414-49802013000100009/24888>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

LENIN, V. Marxismo e revisionismo. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 414-421, 2020. DOI: 10.9771/gmed.v12i2.39012. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/39012>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

LOSURDO, Domenico. **A luta de classes**: uma história política e filosófica. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. Disponível em: https://livrogratuitosja.com/wp-content/uploads/2021/03/A-luta-de-classes-Uma-historia-politica-e-filosofica-by-Domenico-Losurdo-z-lib.org_.epub_.pdf. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

LUKÁCS, Georg. A consciência de classe. **Estrutura de classes e estratificação social**, v. 3, p. 11-60, 1976. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.pcb.org.br/portal/docs/consciencia-de-classe.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

MAIA, L. G. Reflexões sobre o manifesto comunista: quem são os burgueses e os proletários de hoje? **Revista Brasileira de Administração Política**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 19, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rebap/article/view/15544>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. 10. ed. São Paulo: Global, 2006.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LÊNIN, Vladimir I. **Manifesto Comunista/Teses** de abril. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

MENDONÇA, D. M.; GUERREIRO, S. A dialética da senhora e da empregada em O Primo Basílio: análise das personagens femininas. **Revista Eletrônica do ISAT**, v. 9, ed. 1, 2017. Disponível em: <https://www.revistadoisat.com.br/numero9.html>. Acesso em: 02 de abril de 2023.

MENEZES, L. M. de et al. **Leitura e sociedade: um estudo de O primo Basílio, de Eça de Queirós**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/5785>. Acesso em: 17 de março de 2023.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa**. 37. ed. São Paulo: Cultrix, 2008. p. 219-277.

NASCIMENTO, E. B.; BARROS VEIGA, P. E. de. Juliana, vítima da invisibilidade social e literária: um estudo do capítulo XII do livro O primo Basílio, de Eça de Queirós. **Transições**, Ribeirão Preto, SP, v. 1, n. 1, p. 63-80, 2020. Disponível em: <https://periodicos.baraodemaua.br/index.php/transicoes/article/view/26>. Acesso em: 18 de março de 2023.

NETTO, José Paulo. **Elementos para uma leitura crítica do Manifesto Comunista**. In: MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. São Paulo: Cortez, 1998.

NOGUEIRA, Andrea Vecchia. Luísa, d'O Primo Basílio, à luz d'As Farpas. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 10, p. 87-103, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/28396>. Acesso em: 03 de abril de 2023.

OLIVEIRA NETO, Pedro Fernandes de. **O papel sociopolítico da personagem Juliana em "O primo Basílio", de Eça de Queirós**. In: I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais, 2007, João Pessoa - PB. Anais I Seminário Nacional de Gênero e Práticas Culturais. Campina Grande - PB: Editora Realize, 2007. v. 1. p. 1-12. Disponível em: <https://www.itaporanga.net/genero/1/GT02/36.pdf>. Acesso em: 17 de março de 2023.

PEREIRA, Eliane Fittipaldi. **Personagens Femininas do Realismo**: uma retórica da Paixão. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

PETRAS, James. O Manifesto Comunista: qual sua relevância hoje? **Lutas Sociais**, n. 3, p. 5-20, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18989>. Acesso em: 18 de janeiro de 2023.

QUEIRÓS, Eça de. **O Primo Basílio**. 2. ed. Barueri, SP: Ciranda Cultural, 2018.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **Outros tempos, outras histórias: kairós, manifesto, crise**, 178 f., Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/13364>. Acesso em: 21 de janeiro de 2023.

SABARÁ, Raquel. Os princípios do comunismo em Engels (1847): apontamentos teórico-metodológicos para além do manifesto comunista. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 12, n. 3, p. 152-171, 2021.

SILVA, Maurício. Marxismo e Crítica Literária, de Terry Eagleton. São Paulo: Unesp, 2011. **EccoS Revista Científica**, n. 33, p. 225-229, 2014. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.redalyc.org/pdf/715/71531141015.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 8. ed. Coimbra: Ed. Almedina, 2009.

SILVESTRE, Paulo Armando da Cunha. **Vivências do feminino no final de oitocentos: representação da mulher em alguns romances e periódicos da época**. Dissertação (Mestrado em Estudos Portugueses e Interdisciplinares) – Universidade Aberta, Lisboa, 2009. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1377>. Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

SIQUEIRA, Sandra MM; PEREIRA, Francisco. Marx e Engels: luta de classes, socialismo científico e organização política. Salvador: **Lemarx**, 2014. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://lemarx.faced.ufba.br/arquivo/marx-engels-luta-socialismo-organizacao.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2023.

TONET, Ivo. Marxismo, educação e pedagogia socialista. **Germinal: Marxismo e Educação em Debate**, v. 8, n. 1, p. 37-46, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/16978>. Acesso em: 16 de janeiro de 2023.

ZENI, Bruno; FURLAN, Stélio. **Romantismo e Realismo na literatura portuguesa**. Curitiba/PR: IESDE Brasil S.A, 2012.